



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) – CAMPUS IV
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

CÁSSIA BARBOSA FARIAS
JUCICLEIA XAVIER DOS SANTOS

O APÓCOPE NO FALAR DE HABITANTES DE JACOBINA – BAHIA

JACOBINA
2021

CÁSSIA BARBOSA FARIAS
JUCICLEIA XAVIER DOS SANTOS

O APÓCOPE NO FALAR DE HABITANTES DE JACOBINA – BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Orientador: Prof. Me. Leandro Almeida dos Santos.

JACOBINA
2021

CÁSSIA BARBOSA FÁRIAS
JUCICLEIA XAVIER DOS SANTOS

O APÓCOPE NO FALAR DE HABITANTES DE JACOBINA-BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV, como requisito para obtenção do diploma com título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Leandro Almeida dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(Orientador)

Profa. Ma. Lícia Silva Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(Membro Interno)

Profa. Ma. Thaís Dultra Pereira
Faculdade Metropolitana de Camaçari (FAMEC)
(Membro Externo)

JACOBINA
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha patroa, Graciete Carneiro de Oliveira Lima, que sempre me apoiou nos meus estudos. Dedico também a todos da equipe ótica Realce pela compreensão dos meus momentos de ausência no trabalho.

Jucicleia Xavier dos Santos

Dedico este trabalho e a eminente conclusão do curso a minha família e amigos, sobretudo meu companheiro, Micael Carvalho de Sousa, pelo apoio, incentivo e testemunho de minha dedicação e afinco que, mesmo nas adversidades, me conduziram ao êxito.

Cássia Barbosa Farias

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus que nos concedeu saúde, paz e perseverança para alcançarmos nossas metas e objetivos. Aos familiares, em geral, e nossos amigos de turma, Luna Layse, Carla Gislene, Priscilla Correia Brandão (*in memoriam*), Bruna Araújo.

Agradecemos também os amigos extra-turma, pelo apoio de sempre, cooperação e incentivos durante todo esse processo de formação acadêmica.

Ao professor orientador Me. Leandro Almeida que, maravilhosamente, administrou a orientação deste trabalho, partilhando conosco seus conhecimentos de forma sábia, agradável e disciplinada. Reconhecemos suas dedicações e o seu apoio, que fez toda diferença nos resultados finais. Somos gratas, prof. Leandro Almeida, por ter nos orientado da melhor maneira durante a escrita deste trabalho.

Enfim, a todos/as que, direta ou indiretamente, acompanharam e contribuíram para a nossa formação, são os nossos sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar a maneira que ocorre o fenômeno apócope no falar de habitantes da cidade de Jacobina-Bahia. O apócope é um tipo de fenômeno linguístico o qual suprime o último fonema em um vocábulo. Entende-se que a Língua Portuguesa sofreu e vêm sofrendo alterações e mudanças constantemente, à medida que seus falantes usam. Ao estudar a língua e a maneira que ela é empregada, faz-se necessário desenvolver pesquisas sobre a língua em seu uso social. Os estudos teóricos para construir essa pesquisa foram baseados na Sociolinguística Variacionista. O *corpus* da referida pesquisa é construído com base em dados extraídos das entrevistas gravadas com autorização dos informantes, utilizando um questionário composto por 20 questões. Tivemos a colaboração de 12 informantes da cidade de Jacobina-Ba, com faixa etária I: 18 a 38 anos, e II: 45 a 65 anos, com níveis de escolaridade diferenciados entre: Ensino fundamental, Ensino médio e Ensino superior, de ambos os sexos, masculino e feminino. Todas as entrevistas foram gravadas por um aparelho celular e, em seguida, analisadas, transcrita grafematicamente e foneticamente. De acordo com os resultados, percebemos que o fenômeno apócope encontra-se no falar de habitantes da cidade de Jacobina-Ba, constatou-se também que o perfil social que apresenta a maior inclinação para uso do fenômeno foi do sexo masculino, da faixa etária jovem e do Ensino fundamental.

Palavras-Chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Apócope; Jacobina.

ABSTRACT

This work aims to identify the way in which the apocope phenomenon occurs in the speech of inhabitants of the city of Jacobina-Bahia. Its objective is to identify the way in which the apocope phenomenon occurs in the speech of inhabitants of the city. The apocope is a type of linguistic phenomenon in which the last phoneme is suppressed in a word. It is known that the Portuguese language has suffered and it has been undergoing constant modifications and changes as its speakers use it. When studying the language and the way it is used, consider it necessary to develop research on language in its social use, the theoretical discussions to build this research were based on Sociolinguistics, Variationist. The corpus of this research is built based on data extracted from interviews recorded with authorization from the informants, it was used a questionnaire consisting of 20 questions. We had the collaboration of 12 informants from the city of Jacobina-Ba, aged I: 18 to 38 years old, and II: 45 to 65 years old, with different levels of education between, Elementary School, High School and Higher Education, of both genders, male and female. All interviews were recorded by a cell phone, and then analyzed, transcribed graphically and phonetically. According to the results, we realized that the apocope phenomenon is contained in the speech of inhabitants of the city of Jacobina-Ba, and, in view of the analyzes, it was found that the social aspects with the highest percentage of occurrence of the phenomenon were males, of the young age group from Elementary School.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic Variation; Apocope; Jacobina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Município de Jacobina – BA (cenário atual).....	50
Figura 2: Município de Jacobina – BA (cenário antigo).....	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Períodos da Língua Latina.....	17
Quadro 2: As Fases importantes do PB	23
Quadro 3: Metaplasmos por Acréscimo.	25
Quadro 4: Metaplasmos por Subtração.....	25
Quadro 5: Metaplasmos por Transposição.....	26
Quadro 6: Metaplasmos por Permuta.	26
Quadro 7: Vogal Atônica Final.....	32
Quadro 8: Variações Linguísticas.....	38
Quadro 9: Tipos de Variação Linguística	42
Quadro 10: Questionário para entrevista	47
Quadro 11: Dados dos informantes da pesquisa.	49
Quadro 12: Transcrições Fonéticas (QFF 02).....	56
Quadro 13: Transcrições Fonéticas (QFF 04).....	58
Quadro 14: Transcrições Fonéticas (QFF 08).....	61
Quadro 15: Transcrições Fonéticas (QFF 10).....	63
Quadro 16: Transcrições Fonéticas (QFF 15).....	65
Quadro 17: Transcrições Fonéticas (QFF 06).....	68
Quadro 18: Transcrições Fonéticas (QFF 14).....	71
Quadro 19: Transcrições Fonéticas (QFF 16).....	73
Quadro 20: Transcrições Fonéticas (QFF 20).....	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem das respostas para QFF 02.....	57
Gráfico 2: Porcentagem das respostas para QFF 04.....	59
Gráfico 3: Porcentagem das respostas para QFF 08.....	62
Gráfico 4: Porcentagem das respostas para QFF 10.....	64
Gráfico 5: Porcentagem das respostas para QFF 15.....	66
Gráfico 6: Porcentagem das respostas para QFF 06.....	69
Gráfico 7: Porcentagem das respostas para QFF 14.....	72
Gráfico 8: Porcentagem das respostas para QFF 16.....	74
Gráfico 9: Porcentagem das respostas para QFF 20.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 BREVE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	14
1.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	14
1.2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	17
1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS METAPLASMOS	20
1.4 METAPLASMO APÓCOPE	24
1.4.1 Estudos Sobre Apócope no Brasil.....	24
2 SOCIOLINGUÍSTICA	28
2.1 O SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA	28
2.2 ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A SOCIOLINGUÍSTICA	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 METODOLOGIA	38
3.2 O QUESTIONÁRIO	38
3.3 INFORMANTES	40
3.4 JACOBINA: SUA HISTÓRIA E SUA GENTE	41
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES	47
4.1 VOCÁBULOS TERMINADOS EM R	47
4.1.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 02- MULHER)	47
4.1.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 04 - COLHER)	49
4.1.3 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 08- VENTILADOR)	51
4.1.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 10- SAIR).....	53
4.1.5 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 15- CALOR).....	55
4.1.6 Comparação entre as questões QFF: 02, QFF; 04, QFF:05, QFF:08, QFF: 10, QFF:15.	57
4.2 VOCÁBULOS TERMINADOS EM M	58
4.2.1. Questionário Fonético-Fonológico (QFF 06- PASSAGEM)	58
4.2.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 14- HOMEM)	60
4.2.3 Questionário Fonético-Fonológico QFF 16- (BOBAGEM)	61

4.2.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 20-GARAGEM)	64
4.2.5 Comparação entre as questões QFF: 06, QFF:14, QFF:16, QFF: 20	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXO: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	73

INTRODUÇÃO

Estudar a história de uma língua é acompanhar todo o percurso e o seu desenvolvimento ao longo do tempo, para que possa perceber seu uso nos diversos contextos, suas características e transformações ocorridas. Entende-se que a relação entre língua e sociedade é aceita por muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e, apesar de algumas teorias apresentarem interpretações diferenciadas dos fenômenos linguísticos, aproximando-os ou distanciando-os de seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e sociedade, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo, quando se discute um fenômeno linguístico.

Este estudo tem por objetivo analisar a manifestação do metaplasmo apócope no falar de habitantes de Jacobina-Ba. Na perspectiva de investigar a relação dos condicionantes extralinguísticos que podem influenciar na ocorrência do fenômeno pesquisado, tais como: sexo, faixa etária e nível de escolaridade, foi construído um estudo sincrônico dos vocábulos que foram utilizados na pesquisa, descrevendo tais variações, mapeando fatores que influenciam na ocorrência do fenômeno apócope. Desse modo, buscando contribuir no combate ao preconceito linguístico, a partir da compreensão de que estes fatores corroboram para que o referido fenômeno aconteça.

Nossa diligência teve início no componente curricular de Estudos Fonéticos e Fonológicos, quando cursávamos o 5º semestre do curso de Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), fomos solicitadas pelo professor Leandro Almeida a realizar pesquisa nas ruas de Jacobina sobre o metaplasmo apócope. Logo, imaginamos ser um possível objeto de estudo para o nosso término e conclusão de Curso (TCC). Começamos a socializar com colegas e professores da área de Linguística antes de objetivar a ideia, assim, avançamos o estudo do metaplasmo apócope concretizando, de fato, o tema, por consideramos importante o referido estudo que discute as diferentes formas de uso da língua, além de contribuir para o combate ao preconceito linguístico.

Do ponto de vista da Sociolinguística, toda língua falada possui variações decorrentes da heterogeneidade existente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que a Sociolinguística

faz registro, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, associando essas variações com fatores sociais, numa tentativa de identificar qual fator ou grupo de fatores são responsáveis por determinadas variações, assim, o intuito deste trabalho é analisar quais elementos provocam o referido fenômeno.

A referida pesquisa é sobre o metaplasmo apócope, cujo fenômeno suprime fonemas no final dos vocábulos. O apócope pode ocorrer em vários vocábulos, no infinitivo, como: *ar/er/ir/* dentre outras terminações. Diante dos estudos sobre o metaplasmo apócope, percebemos que, além de verbos no infinitivo, a supressão pode ocorrer fora de verbos no infinitivo, a exemplo: *mulher, colher, sair, calor, ventilador, passagem, bobagem, garagem, homem*; os vocábulos supracitados foram utilizados no questionário fonético e fonológico desta pesquisa.

Este trabalho foi subdividido em quatro seções: a primeira seção (1) aborda a língua e suas transformações, a segunda seção (2) a fundamentação teórica, na qual relatamos sobre a noção entre linguagem e sociedade, dando ênfase à Sociolinguística Variacionista. Na terceira seção (3), tratamos das etapas de construção deste trabalho, na quarta seção (4), apresentamos as análises dos dados coletados na pesquisa sobre o metaplasmo apócope. Nas considerações finais, mostramos os resultados obtidos ao longo das discussões teóricas e de todo trabalho de pesquisa, logo mais foram apresentadas as informações contidas nos anexos e apêndice.

1 BREVE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta seção tem como foco trazer abordagens sobre o percurso histórico do Português Brasileiro (PB), discorrendo sobre sua origem, assim como os processos de formação no decorrer do tempo.

1.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

É importante saber que, embora o Latim não seja mais uma língua com falantes nativos vivos, são válidos os estudos sobre a formação desta, pois é possível entender as mudanças nas palavras e como se deu o processo de evolução. O latim originou-se do indo-europeu, reconstruída com base em estudos comparativos das línguas conhecidas, como o latim, o grego e o sânscrito, línguas antigas da Europa e da Ásia.

É importante lembrar que houve alguns períodos os quais marcaram a história da língua latina. O Quadro 1 apresenta informações com os períodos de cada fase, nomes dos períodos, como também a duração e suas características.

Quadro 1 - Períodos da Língua Latina.

PERÍODO	NOME DO PERÍODO	DURAÇÃO	CARACTERÍSTICA
A	Proto-histórico	Século III a 240 a. c	Marca o surgimento do primeiro documento; a Fíbula de Preneste (Séc. VII a.C.). outros documentos; Lei das Doze Tábuas (séc. V a.C.; origem do Direito Romano e Scipionum Elogia (séc. III a.C.; inscrições funerárias).
B	Arcaico		Período em que apareceu os primeiros textos literários, porem a linguagem não era tão rebuscada como no período clássico.

		Século 240 a.c a 81 a.c	Alguns poemas gregos foram traduzidos ao latim.
C	Período Clássico	Século 81 a.c a 17 d.c	O apogeu da prosa e a poesia, momento de perfeição.
D	Período Pós-Clássico	17 d.c ao século II d.c	Existem ainda grandes obras liberarias, mas sem a pureza nem a perfeição clássica. Muitos escritores não são originários da Itália.
E	Período Cristão	Século III d.c a v. d.c	Textos de Santo Agostinho, Santo Ambrósio.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Dantas (2019, p.8-9).

Percebe-se, no quadro 1, que a língua latina apresentou características diferentes durante os períodos indicados, ressalta-se o seu surgimento, aparição dos primeiros textos literários, apogeu da prosa e da poesia, até o surgimento dos textos de Santo Agostinho e Santo Ambrósio.

O Latim Clássico (LC) é a língua escrita e falada, geralmente, utilizada por pessoas da sociedade culta e nível acadêmico, decorrido pelo rigor dos literatos, já o latim vulgar (LV) se opõe ao LC, pois foi utilizada pelas pessoas “não cultas” do império romano. Evidentemente, não eram duas línguas diferentes e, sim, duas modalidades da mesma língua coexistindo simultânea e paralelamente (BISOGNIN, 2008). O LV era frequente entre as diversas classes da sociedade romana, ou seja, falado pela classe média (familiar), classe baixa (plebeu), soldados (castrense), marinheiros (náutico), operários (proletário) e camponeses (rural). Cada grupo desses apresentava diferentes dialetos, os quais configuraram a sua designação que não caracterizava uma língua específica, mas um agrupamento de falares de vários tipos, homogeneização (SOUZA; TORRES, 2020).

O LC era considerado uma língua sintética, curta e apontava as funções sintáticas das palavras através de desinências, já o LV era uma língua analítica, manifestava as

funções sintáticas das palavras através da ordem no sintagma e pelo uso de elementos como artigo e preposição. Entende-se que a tendência analítica recorrente na fala veio a eliminar algumas desinências, reduzindo, portanto, os casos. E, para isso, foi preciso enrijecer a ordem dos termos da oração: sujeito/verbo/objeto (SVO).

Conseqüentemente, a essa redução, o LV simplificou os casos, permanecendo apenas dois: o nominativo e o acusativo, referentes a um caso reto e um caso oblíquo no português (AMARANTE, 2015).

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim vulgar: o nominativo e o acusativo, ou seja, um caso reto (sujeito) e um caso oblíquo (complementos). Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. Desse modo, coube ao acusativo precedido de *de* e *ad* a expressão do genitivo e do dativo; e regido pelas preposições *de*, *per* e *cum*, a expressão do ablativo. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o caso lexicogênico, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas. (BAGNO, 2007, p. 29, apud GOMES, 2017, p. 927)

De acordo com o autor, do LC para o LV, surgiram reduções de alguns casos, passando a existir apenas dois: nominativo que recebe a função do sujeito e o acusativo, cujo exprime a função do objeto.

Após a invasão bárbaro-germânica, houve a queda e a fragmentação do Império Romano, bem como a eliminação dos elementos unificadores da língua. Nessa conjuntura, o LV, falado no território da Península Ibérica, já bastante modificado pela ação do substrato linguístico peninsular, sofreu dialetação no século VIII, os árabes, emigrados do norte da África, invadiram a Península Ibérica. Portadores de uma cultura que se considera “superior”, impuseram sua língua como oficial aos habitantes da Península, que não aceitando tal imposição devido às oposições de raça, língua e religião, continuaram a falar o romance, ou seja, o LV modificado. Os árabes permaneceram na Península por mais de sete séculos, contudo, exerceram pouca influência no que se refere à língua portuguesa (AMARANTE, 2015).

Como se nota, o PB é uma das variedades do português que, por sua vez, se originou do latim vulgar. Em seguida, traremos um pouco mais de detalhes sobre aspectos que caracterizam o PB.

1.2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Passando quase cinco séculos, está ainda por ser reconstruído, com o detalhamento possível, o processo do encontro politicamente assimétrico entre a língua portuguesa, língua de dominação com muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas, primeiro as africanas, depois as línguas de imigrantes, que tornaram esta área americana, multilíngues de origem, ainda mais complexa linguisticamente (MATTOS E SILVA, 2004, p.110).

Matos e Silva (2004) relata sobre o processo inicial da nossa cultura miscigenada, elencando quem chegou primeiro aqui no Brasil, e cada um deles já tinha sua cultura, ao se reunirem formou esse país miscigenado. Com o processo de colonização, principalmente, no continente americano, percebe-se que os indígenas já utilizavam termos que, até hoje, se utiliza no PB, a exemplo: *cipó, paca, tatu, jaguar, mandioca*, estes termos foram influências dos primeiros colonizadores na formação do PB. Ao chegarem ao Brasil, os portugueses tiveram contato com os índios que, já possuíam uma diversidade linguística. De acordo com José Honório Rodrigues (1983):

Os tupis, habitantes do litoral, denominados genericamente de Tupinambás, foram os que mais conviveram com os brancos. Eles falavam principalmente o tupi, uma espécie de segunda língua para os não tupis. Esses últimos eram conhecidos como Tapuias ou Nheengaibas (língua ruim), denominação atribuída pelos jesuítas, que não reflete a diversidade desses povos. Eram línguas travadas, bem mais complexas que o tupi e conservadas por muitos deles. (RODRIGUES, 1983, p. 23).

Percebe-se que o contato entre os portugueses e os indígenas foi de suma importância para a variação linguística do PB, uma vez que o primeiro contato que os portugueses tiveram ao chegar aqui no Brasil foi provavelmente com os índios Tupinambás.

Em abril de 1500, Pedro Álvares Cabral emigra ao Brasil, passando a tomar posse em nome do rei D. Manuel de Portugal. O principal testemunho da chegada dos portugueses foi o relato do Pero Vaz de Caminha, mais conhecido como a "Carta de Caminha". Evidentemente, a imigração dos portugueses ao Brasil contribuiu para possíveis mudanças no processo de fala dos brasileiros, entende-se que a língua portuguesa foi disseminando enquanto a indígena aos poucos ia desaparecendo.

No que tange o processo de colonização no Brasil nos aspectos da língua, e da miscigenação entre os povos indígenas e os portugueses, ao passo que os europeus migravam ao território brasileiro, se relacionavam com as indígenas e tinham filhos, esses passavam a ter contato com ambas às línguas, aprendiam a língua geral da colônia, a tupinambá, falada pelos índios, e o Português falado pelos portugueses.

Os jesuítas registravam todas as falas dos indígenas, criando a língua conhecida como língua geral, que se deu da unificação do tupi com a estrutura da gramática portuguesa na utilização da comunicação entre colonizadores, escravizados e indígenas, até que está foi proibida, mas, ainda hoje, existem vocábulos resultantes das línguas indígenas.

O ano de 1750 foi marcado pelo período Pombalino, fase de grandes mudanças, a língua Tupi foi proibida com o decreto de Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho foi nomeado primeiro ministro do rei Dom José I, ele foi responsável pela expulsão dos jesuítas no ano de 1759, pela reforma educacional portuguesa, todas essas implementações trouxeram grandes reflexos para a língua. Nessa época, o Brasil passava pelo progressivo desuso da língua geral e o português já superiorizava.

O objetivo da reforma de Pombal era ter uma política de laicização, separar a religião e o estado, tirar a influência da igreja tanto no sentido religioso quanto na educação deixando de ser função desta e passar o papel do ensino ao Estado, sendo essa uma forma de acabar com os confrontos entre os colonos e jesuítas. A coroa portuguesa então adotou medidas educacionais para abolir a língua geral e fixar o português como língua oficial da colônia, com a implementação das gramáticas latinas do grego e da retórica, das aulas régias que tratavam de assuntos voltados à humanidade, além da cobrança de imposto na venda de vinho e carnes para subsidiar o ensino, passando a ser da coroa portuguesa o papel na educação.

Além dos africanos, tiveram outros povos que chegaram ao Brasil e deixaram seus vestígios, como os espanhóis, holandeses e dentre outros países europeus, estes invadiram o Brasil no período da independência de 1822. Tal miscigenação deixa verossímil no que se refere às mudanças de vocábulos e ou diferentes maneiras de falar em algumas regiões do Brasil, exemplo região (Norte e Nordeste).

Após a conquista da independência política em 1822, o Brasil esperou um século para reivindicar a independência cultural. É evidente que essa ruptura com o passado e essa busca da “autenticidade” brasileira encontrava na questão da língua uma aplicação particularmente rica. Os primeiros modernistas, a que aflui de 1922 a 1930, revoltam-se contra a gramática tradicional e o purismo lusitano. Querem escrever numa língua que se aproxime da fala brasileira (TEYSSIER, 2001).

Por volta de 1950 até os dias atuais (século XXI), o Brasil passou por transformações, grande desenvolvimento urbano, o qual citamos a construção da cidade de Brasília, essa construção da Capital do Brasil, contou com o deslocamento de inúmeras pessoas, oriundas de várias regiões brasileiras, permitindo assim, uma variedade linguística e cultural ampla.

O português passou por várias fases importantes tais como: Português Arcaico que vai de final do século XIII ao final do século XIV, nesse mesmo período está incluído a realidade do galego português. Em seguida, o Português Arcaico médio, iniciado na 1ª metade do século XV à 1ª metade do século XVI. Logo mais, o Português Moderno, nasceu na 2ª metade do século XVI ao final do século XVII e, sequencialmente, o Português contemporâneo, iniciado no século XVIII aos dias atuais.

É pertinente destacar as específicas do Português brasileiro, o quadro 02 ilustra os períodos e traz fatos ocorridos em cada um deles.

Quadro 2 - As Fases importantes do PB

FASES ESPECÍFICAS DO PORTUGUÊS	PERÍODO
Fase diferenciadora: a qual podemos encontrar documentos que distinguem o PB do PE.	Entre 1550 a 1700
Fase de Desenvolvimento da Escrita e do Ensino: caracterizada como a fase das políticas de ensino no Brasil, além de publicação de documentos dentro do território nacional território brasileiro que,	Entre 1700 a 1800

sendo ela responsável pela homogeneização da língua portuguesa nacional.	
Fase de Nivelamento que marca a grande urbanização no território brasileiro que, sendo ela responsável pela homogeneização da língua portuguesa nacional.	1800 a 1950

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O Quadro 2 ilustrou, de forma sucinta, algumas fases as quais o PB passou, cada fase citada teve contribuições e influências no que se refere à língua portuguesa do Brasil, períodos de novas conquistas e expansão do país. Nesses períodos, houve entrada de pessoas de diferentes regiões, passando assim considerar a cultura linguística brasileira ainda mais rica e miscigenada.

1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS METAPLASMOS

Metaplasmos é um substantivo derivado utilizado na Linguística Românica, é responsável pelas modificações fonéticas ocorridas em vocábulos no processo evolutivo de uma língua (ARAÚJO, 2004). Os metaplasmos, segundo Coutinho (1976), podem se apresentar por permuta, por acréscimo, por subtração, por transposição e se classificam de acordo a sua mudança fonética ao longo do tempo. Com o passar do tempo, a língua em sua evolução está sujeita à mudanças nos contextos linguísticos provocando adequações, surgindo novos repertórios para se enquadrar no contexto de fala em suas diferentes formas de usos. Gnerre (1994) afirma que:

A formação de diversas linguagens é um fato que deve ser considerado como comunicação mista e dentro da comunicação, é possível o falante fazer usos diferentes da linguagem na perspectiva de adaptar-se ao contexto em que se encontra. (GNERRE, 1994, p.2).

O autor afirma que as diferentes formas de linguagens são de natureza mista, sendo que o mesmo falante pode fazer uso diferente da linguagem, nesse sentido, o local

de fala o qual o falante estar inserido será o elemento essencial para essa tal mudança de comunicação.

Conforme abordado no primeiro parágrafo dessa subseção, as transformações fonéticas pelas quais a língua passou, e vem passando, sem que seu sentido se altere, é chamando de metaplasmo. Segundo Coutinho (1976), essas mudanças que ocorrem no processo de fala não são aleatórias, pois obedecem a fatores internos e externos à língua, o que condiciona a elaborações de princípios e leis pelos gramáticos.

Os metaplasmos são fortemente presentes em registros informais das línguas e baseados, sobretudo, na oralidade. Com isso, as modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução ocorrem: por permuta, acréscimo, subtração e por transposição (COUTINHO, 2005, p. 142). Conforme ilustram os Quadros 3, 4, 5 e 6, podemos compreender como os fonemas de uma palavra podem ser modificados de acordo com cada tipo de metaplasmos, podendo, assim, acrescentar, diminuir, deslocar ou transformar o fonema.

Quadro 3 - Metaplasmos por Acréscimo.

❖ Prótese: é o processo em que há o acréscimo de um fonema no início de um vocábulo: levantar > /a/levantar, lembrar > /a/lembrar.
❖ Epêntese: é o nome dado ao processo em que há o aumento de um fonema no meio de um vocábulo: lista > list/r/a, mortadela, morta/n/dela
❖ Paragoge (ou epítese): É o fenômeno ocasionado pelo acréscimo de um fonema no final do vocábulo: variz > variz/e/.
❖ Anaptixe (ou suarabácti): é o nome dado ao processo em que há o acréscimo de uma vogal para desfazer um grupo consonantal: admirar > ad/i/mirar,
❖ advogado > ad/e/vogado, pneu > pineu.

Fonte: Teixeira (2018).

Os metaplasmos por supressão acontecem quando se elimina partes, ou seja, retira fonema do vocábulo.

Quadro 4 - Metaplasmos por Subtração.

❖ Aférese: é o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema (ou uma sílaba) do início de uma palavra: embora > / /bora, espera > / /péra, está > / /tá.
❖ Síncope: é o fenômeno que elimina um fonema no meio do vocábulo: padrinho> pad/ /inho, mesmo> me/ /mo, murcho> mu/ /cho.
❖ Apócope: é o nome que designa o fenômeno que omite um fenômeno no final da palavra: rapaz>rapá, bobagem> bobage/ /, comprar> compra/ /.
❖ Haplologia: é o fenômeno que elimina a primeira letra de duas sílabas sucessivas, no meio no vocábulo, por causa da aproximação sonora com a posterior: infalibilidade> infalibi/ /dade, paralelepípedo> parale//pípedo.

Fonte: Teixeira (2018).

Os metaplasmos de transposição ocorrem quando surge um deslocamento referente à posição de fonemas em um vocábulo ou por transferência do acento tônico da palavra. Este é subdividido em: metátese, por hipérese, por sístole e por diástole.

Quadro 5 - Metaplasmos por Transposição.

❖ Metátese: é o fenômeno em que há uma transposição de um fonema em uma mesma sílaba da palavra: prato > parto, perguntar > preguntar, prateleira > parteleira.
❖ Metátese: é o fenômeno em que há uma transposição de um fonema em uma mesma sílaba da palavra: prato > parto, perguntar > preguntar, prateleira > parteleira.
❖ Sístole: é o processo em que há o deslocamento, por recuo, do acento de uma palavra: benção < benedictione) > bênção.
❖ Diástole: é o processo em que há o deslocamento, para sílaba posterior, do acento de uma palavra: gémitu > gemido, júdice > juiz.

Fonte: Teixeira (2018).

Considera metaplasmos por permuta quando acontecem de um fonema ser transformado dentro da palavra, assim o fonema passa ser pronunciado de forma diferente. São classificados em: degeneração, desnasalação, dissimilação, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, metafonia, nasalação, palatização, sonorização e despalatização.

Quadro 6 - Metaplasmos por Permuta.

❖ Degeneração: é o processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/: assobiar > assoviar.
❖ Desnasalação: é o processo de transformação de um fonema nasal em um
Fonema oral: virgem > virge, homem > home.
❖ Dissimilação: é o processo em que há a transformação de um fonema para diferenciá-lo. Outro semelhante existente na mesma palavra: pílula>pírula, privilégio > previlégio
❖ Rotacismo: é o processo em que acontece a transformação do fonema /l/em r/: aluguel > aluguer, almoço > armoço.
❖ Lambdacismo: é fenômeno em que acontece a transformação do fonema/r/ em /l/: cabeleireiro > cabeleleiro, freira > fleira.
❖ Ditongação: é o nome dado ao processo em que ocorre a transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija, caranguejo > carangueijo.
❖ Monotongação: é o nome dado ao processo em que há uma transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: doutor > dotor, manteiga > mantega.
❖ Metafonia: é o processo de alteração do timbre ou altura de uma vogal: diferente > deferente, semente > simente.
Nasalação: é o processo de transformação de um fonema oral em um fonema nasal: igual > ingual, identidade > indentidade
❖ Palatização: é o nome do processo de transformação de um ou mais fonemas em uma palatal: família > familia.
❖ Sonorização: é o processo de transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, sua homorgânica sonora: acutu > agudo.
❖ Despalatização: é o nome dado ao processo em que há a transformação de fonema palatal em nasal ou oral: cabeçalho > cabeçálio.

Fonte: Teixeira (2018).

Os Quadros 3, 4, 5 e 6 apontaram que os processos transformativos de ordens fonéticas são definidos por Coutinho (1976) como metaplasmos, e esse processo permitiu construir novas variantes dentro do mesmo contexto.

A língua é viva e dinâmica, podemos perceber que muitas palavras, ao longo do tempo, começam a fazer parte do dicionário, porém, outras palavras acabam ficando apenas na informalidade. A língua costuma guardar traços diversos e diferenciados, pois

as pessoas em suas trajetórias de vida costumam ter experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes umas das outras que, certamente, terão grande influência linguística na sociedade ou grupo onde vivem (ARAUJO, 2004).

Desta maneira, podemos afirmar que a variação linguística sempre estará ligada a qualquer língua viva, pois uma característica marcante na língua é poder variar no tempo, no espaço geográfico, social e depende bastante do contexto situacional em que o falante está inserido (CUNHA, 1978).

1.4 METAPLASMO APÓCOPE

O metaplasmo apócope traz como característica a perda de um fonema, geralmente, no fim da palavra, que poderá associar-se às variações encontradas na linguagem oral, exemplo: *mulher/mulhé, colher/colhé, ventilador/ventiladô, sair/saí, calor/calô, passagem/passagi, homem/home, bobagem/bobagi e garagem/garagi.*

A vocalização é a conversão de uma consoante em um fonema vocálico (COUTINHO, 2005, p. 143-8). Para ilustrar o que sejam “apócope” e “vocalização”, é possível observar através deste exemplo quando argumenta sobre a produção da palavra “muié” nesta variante de mulher, temos a implementação de duas formas: a vocalização da consoante lateral palatal (lh) e a perda do (r) final (apócope).

É comum perceber que o fenômeno apócope é encontrado na fala dos brasileiros, pois é possível encontrá-lo em produções orais de falantes incluídos em todas as classes sociais, faixas etárias e escolaridades (LIMA, 2016).

1.4.1 Estudos Sobre Apócope no Brasil

Para obter um melhor embasamento em nossa pesquisa, buscamos estudos já realizados sobre o fenômeno apócope em diversas regiões do Brasil, evidenciando o quanto esse fenômeno é comum e recorrente no falar dos brasileiros.

A abordagem Sociolinguística do Apócope de /R/, /S/ e em contexto brasiliense-goiano, realizado por Lima (2016), com informantes de Goiás, Brasília e região que fica em seu entorno, trata de vocábulos com terminações em /R/, /S/ e /N/. Foi realizado,

como cita o autor, com objetivo de verificar o funcionamento desses três fenômenos de variação em textos orais e escritos, para auxiliar na interpretação do que favorece ou não a sua realização.

Os dados foram colhidos por Lima (2016), através de entrevista oral e também de textos autorais dos informantes, para, em seguida, serem analisados e quantificados, segundo a teoria da variação, da Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov. Como base teórica, foram utilizados textos de Mollica (2003), Monteiro (2000), Mattoso Câmara (1999) e Bisol (1997), além das gramáticas dos seguintes autores: Bechara (2009), Coutinho (1976d) e Bagno (2007).

Os resultados encontrados pelo autor da pesquisa concluem que existe uma interligação dos apócopies de /R/, /S/ e /N/ a fatores sociais e linguísticos dentro da sociedade, sendo que todas essas apócopies visam a facilitar a produção de vocábulos e expressões na língua, refletindo assim, segundo o princípio da economia linguística. Percebe-se o exemplo dessa ocorrência através da frase: “O maior ponto turístico da cidade [...]”, em que a palavra “maior” foi escrita com a variante /R/, porém, essa mesma palavra surge com [Ø] quando produzida oralmente por alguns indivíduos.

Todos os indivíduos preferiram as variantes preenchidas, de acordo o que revelou os dados escritos. Observou-se também na obra de Lima (2016) que até mesmo /R/, que em relação a [Ø] na oralidade apresenta uma perda com vantagem, é prevalentemente realizado com a variante preenchida. Assim, podemos perceber a importância da escola na manutenção das normas da Gramática Tradicional (GT), a qual, segundo o autor da pesquisa, apesar do fato de alguns entrevistados não possuírem Ensino Superior completo, todos finalizaram o ensino médio. Então, o estudo apresentado por Lima (2016) também mostra que oralidade e escrita têm sido tratadas de maneira diferente.

Consideramos também a pesquisa desenvolvida por Fernandes (2019), abordando os metaplasmos por supressão do português brasileiro, em que foram analisados os casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB. O autor trata o referido estudo, relatando habitantes que são bastante tradicionais em sua fala, um verdadeiro patrimônio linguístico do nosso país, os moradores da comunidade pesquisada ainda guardam diversas marcas da língua utilizada em contextos reais em suas falas.

Como destaque em seu estudo, Fernandes (2019) traz a perda da nasalidade dos verbos na terceira pessoa do plural que, segundo ela, é um fenômeno que já existia na língua desde o período do Latim arcaico. A autora também se refere ao verbo “cantaram” como um exemplo de apócope no português brasileiro que ocorre na atualidade, logo depois da criação das línguas românicas: *cantaram/cantaro ou cantar*. Ao final da pesquisa, Fernandes (2019) concluiu que os casos de apócope em verbos no infinitivo são identificados na pronúncia das sílabas finais em sons vocálicos orais pelo meio da supressão do arquifonema (não consegue distinguir o som produzido) \R\. Pôde-se confirmar também que através dos verbos na terceira pessoa do plural, o fato de que alguns segmentos nasais convergem para uma eliminação e oralização no português brasileiro falado e os verbos no gerúndio, de fato, possuem o fonema /d/ apagado.

Outro estudo foi desenvolvido por Rolo (2010) sobre o apócope no Brasil, a autora aborda o fenômeno das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra. Para a condução da pesquisa, Rolo (2010) buscou selecionar informantes para a realização das entrevistas com um perfil que atendessem às questões espaciais, ou seja, pessoas da própria comunidade pesquisada. A pesquisadora considerou como critérios para serem adotados na seleção dos informantes a faixa etária, o gênero e a localidade.

A pesquisa de Rolo (2010) apresentou como principal objetivo a ser alcançado a identificação dos fatores condicionantes do apagamento tanto no aspecto linguístico quanto no aspecto social. É um estudo de base descritiva, em que foi realizado um estudo fonético-fonológico, na qual a autora faz ligações a fatores linguísticos e extralinguísticos relacionado ao metaplasmo apócope. Após todo o processo de entrevistas realizada pela a autora, partiu-se para a interpretação dos dados coletados entre os informantes, que se baseou em técnicas de transcrição usadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001), contando com a experiência de duas ex-bolsistas do referido projeto para transcreverem e realizarem o registro das suas impressões sobre os dados reais de fala, evitando-se assim, a influência da pesquisadora, pois ela possui bastante familiaridade com a fala da localidade.

Pode-se observar, através dos estudos da autora, que as vogais átonas finais mudam na realização da fala, tornando-se assim um fenômeno variável. Com isso, os

dados de língua falada coletados durante o processo e pesquisa nos mostra a descrição de um fenômeno linguístico que tem como variável dependente o grupo binário: presença de vogal semivogal (vs) ausência das vogais átonas finais [i] e [u], como nos mostra o exemplo no quadro abaixo:

Quadro 7 – Vogal Atônica Final

[ɪ] – É bife ['bifi] (Inf. 04, mulher, 50 anos)
[Ø] – Passá um bif ['bif] (Inf. 05, homem, 52 anos)
[ʊ] – Aquela novelinha eu gosto ['gɔstʊ] (Inf. 04, mulher, 18 anos)
[Ø] – Eu gost ['gɔst] de novela (Inf. 08, mulher, 56 anos)

Fonte: Rolo (2010).

Em sua consideração final, Rolo (2010) demonstra que mesmo Seabra e Beco estando bem próximas, essas localidades são bastantes demarcadas linguisticamente. Ao calcular todos os dados, Seabra apresentou 2.629 ocorrências de vogal final em sua totalidade, ao passo que Beco apresentou 2.537 ocorrências. Ao se analisar os resultados da utilização do apócope, a autora concluiu que existem muitas diferenças entre as localidades, mostrando em Seabra uma “pequena” frequência desse fenômeno. De acordo com as análises de Rolo (2010), tanto em Beco quanto em Seabra, ao se avaliar o processo de apócope, a classe morfológica não apresentou significativas relevâncias.

As pesquisas dos autores supracitados sobre o apócope foram de suma importância, uma vez que, por meio delas, percebermos a vocalização do apócope em regiões diferenciadas, visualizando o índice da ocorrência do fenômeno, de acordo os fatores estabelecidos.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é o caminho que percorre os estudos linguísticos tendo como foco discutir o uso da linguagem dos falantes nas diversas comunidades de fala, para isso faz-se necessário os conhecimentos de aspectos linguísticos e sociais de uma determinada comunidade. É ramo da ciência que busca fronteira entre a língua e a sociedade com a intenção de demonstrar empregos concretos de caráter heterogêneo.

2.1 O SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA

O homem percebe a necessidade de se comunicar, esse processo acontece espontaneamente e individualmente na formação oral da língua. É a partir da língua que qualquer ser humano expressa seus pensamentos e ideias, tanto relacionado à sua geração como também da comunidade o qual está inserido. Pode-se afirmar que o ser humano está sujeito a modificar a linguagem simultaneamente, uma vez que ele esteja propício a adequa-se com novas situações de uso da língua. Portanto, ela é um elemento importante da cultura um povo (BORIN, 2009).

É percebido que os aspectos sociais, como classe, sexo, faixa etária e grau de escolaridade contribuem e influenciam na mudança ocorrida na língua e, ao estudar sobre a língua, nota-se que esse processo de mudança acontece frequentemente no decorrer dos tempos. Nesse sentido, a Sociolinguística surgiu com a intenção de compreender a relação entre os dois fatores; linguagem e sociedade, e a partir dessa união surge o termo da diversidade linguística, que são as diferentes formas de uso da língua, rompendo os conceitos da tradição formalista.

O considerado pai da Linguística, Ferdinand Saussure, apresenta uma nova abordagem sobre o conceito de língua. No estudo estruturalista, Saussure define a língua como um sistema, ele estuda os elementos da linguagem separadamente, a então chamada dicotomias de Saussure; língua, fala, sintagma, paradigma, sincronia, diacronia, significante e significado (CARVALHO, 1984).

Saussure considera a língua homogênea por todos os falantes e que a fala é mutável. Com isso, fez estudos separados da *langue* e *parole* na perspectiva de concentrar os estudos na *langue* (língua) Saussure define língua como:

A língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exterior aos indivíduos e deve ser estudado separado da fala. Para ele, o estudo da fala seria problemático, por envolver todas as possibilidades imprimidas nela pelos falantes, impossibilitando sua análise científica. A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado [...] (SAUSSURE, 1989, p. 16).

Dessa maneira, entende-se que a langue (língua) pode ser um fator social não heterogêneo, já a parole (fala), para Saussure, está associada à maneira que os falantes utilizam corriqueiramente.

Sincronia e Diacronia: Saussure concentra os estudos voltados para análise da língua e como ela evolui com o passar dos tempos, estuda a estrutura da língua num determinando período (sincronia). Nos estudos diacrônicos, interessa pela evolução da língua e seus efeitos, é um tipo de busca para entender o que veio antes e o que veio depois, a ideia é os fatos sincrônicos da língua de fatos diacrônicos. Com base nisso, esclarece o genebrino Saussure “sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções (SAUSSURE, 1973, p.96)”. Partindo desta visão entre língua e fala, ele prioriza a língua, na mesma perspectiva dar maior ênfase na sincronia que na diacronia (SAUSSURE, 1973).

Sintagma e Paradigma: para Saussure, há na linguagem dois modos de funcionamento: combinação que são as relações sintáticas e a relação que são as relações paradigmáticas. “As relações sintagmáticas tem por base o caráter linear do signo linguístico, “exclui-se a possibilidade de pronunciar dois sons ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 1973, sp)”. Já as relações paradigmáticas são os conjuntos de elementos semelhantes que se associam na memória.

Significante e Significado: estes também estão inseridas na noção de signo linguístico. “O signo linguístico definido por Saussure é a união de um significado e um significante, em outras palavras, o signo é uma entidade psíquica de duas faces (SAUSSURE, 1973, p. 80). Significado é visto como o conceito, é a ideia que projeta de um objeto (o real), já o significante é a imagem acústica (previsão mental).

Diferentemente de Saussure, Chomsky (1965), em sua teoria Gerativista, considera que linguagem é uma habilidade inata do ser humano, e como os humanos

são seres racionais, ele analisa a relação entre a linguagem e o pensamento (MOREIRA, 2004). Chomsky teve a inspiração do racionalismo e no raciocínio lógico dos estudos da linguagem, a função da teoria do autor não é “estabelecer” regras gramaticais, e sim fazer envolvimento das frases gramaticais que as pertencem à língua, o objetivo de Chomsky é identificar a capacidade inata do falante.

Esses estudos vão de encontro a um sistema mais lógico e matemático, mas também oferece outras abordagens, no que se refere aos fundamentos biológicos da linguagem (as características da espécie humana) (MOREIRA, 2004). Desta forma, estabelece Chomsky; “que o ser humano é dotado geneticamente de uma capacidade para a aprendizagem das línguas. Essa faculdade mental é própria da espécie e já nasce com o indivíduo, por isso é chamada de inata” (apud MOREIRA, 2004, p.4). Para o autor, o ser humano já nasce com um comportamento na mente e isso vai se desenvolvendo com o passar do tempo, e que não há comportamentos verbais obtidos através da convivência do meio social.

Chomsky, por sua vez, desconsidera a ideia que a linguagem tenha relação com os aspectos sociais. O autor afirma que o ser humano nasce com uma capacidade nata, e isso vai se desenvolvendo com o passar dos tempos no cérebro de cada ser humano, essa capacidade é uma estrutura biológica do homem.

A Sociolinguística Laboviana surge por meio dos estudos de William Labov, é considerada como parte de uma ciência da linguagem social a qual estuda a existência do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística e suas possibilidades de uso, levando em consideração as relações de mudanças linguísticas, através de avaliações quantitativas de um dado escolhido, sendo ponderadas algumas características sociais, no que se refere a uma variável linguística de aspecto fonético, fonológico, morfológico, sintático, entre outros (COUTINHO, 2008).

Labov discorda do pensamento de homogeneidade linguística construída por Saussure, assim como não concorda sobre o conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965). Para ele, a língua não é propriedade do falante (indivíduo), mas, sim da comunidade, esta situação leva a acreditar que o novo modo de construir a linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p.259). Para ele, cada região geográfica está sujeita a maneiras diferentes de articular sua fala, além

compreender a fala do homem individualmente levando em consideração os aspectos sociais deste.

Labov construiu uma dissertação de mestrado em 1963, a qual teve grande prestígio, a dissertação foi sobre as variações da língua inglesa falado por habitantes da ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 1994). O autor fez análises entre as relações: sociais, sexo, profissão e idade, com o tipo de linguagem utilizada pelos nativos dessa ilha, localizada no estado americano de Massachussets, focando em analisar as pronúncias de alguns fonemas do inglês falado pela pessoa da determinada comunidade.

A corrente variacionista parte do pressuposto de heterogeneidade que se manifesta na fala de forma coerente. O pesquisador em seu processo de pesquisa não apresentará resultados próprios, mas sim guardou todas as informações coletadas, pois serão objetos de análises estatísticas para a obtenção dos resultados. A Sociolinguística Variacionista busca analisar as variações em decorrência, além disso, segue na perspectiva de estudar as variações linguísticas, bem como as “suas estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade, sobre a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica” (LABOV, 2008, p. 184).

Os estudos em Sociolinguística partem de um sistema que estuda a língua em uso real e, conseqüentemente, considera as semelhanças entre a estrutura linguística, bem como os feitos sociais e culturais da produção linguística. A língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura individual (autônoma), ela é dependente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (BORIN, 2009).

Com base nisso, compreende-se que a Sociolinguística busca discutir as manifestações faladas (verbais) nas múltiplas variedades de uma língua; ela foca em analisar os fatores principais para uma determinada variação linguística, como também descobrir o grau dos fatores em que apresenta tal variável. Em vista disso, a variação não é obra arbitrária (aleatória), é um fenômeno de caráter cultural provocado por fatores linguísticos e extralinguísticos de várias maneiras; os linguísticos levam em consideração as variações culturais, regionais (geográfico) e sociais, enquanto os extralinguísticos analisam numa perspectiva social, como escolaridade, sexo, faixa etária do informante.

A pesquisa sociolinguística é aquela que discute sobre o preconceito linguístico. São fundamentais esses estudos, uma vez que permitem compreender o fenômeno da variação linguística. Ao estudar sobre a língua, estamos estudando os seres humanos também. É justamente nesses estudos que percebe a relação ente a língua e os seres humanos que são os falantes, nisso surgem os preconceitos linguísticos muitos frequentes na sociedade.

Nesse contexto, o preconceito linguístico está presente em boa parcela da sociedade. Segundo Borin (2009), a mudança na língua ocorre devido às variações linguísticas, conforme apresenta o quadro 8:

Quadro 8 – Tipo de Variações Linguísticas.

1º variação histórica se dá pelas palavras ou expressões que entraram em desusos conforme a evolução da língua.
2º variação geográfica é a variação entre os diferentes vocábulos em região com falante da mesma língua
3º variação social, essa variação leva em conta a capacidade linguística do falante, considerando a região em que vive, classe social, faixa etária, sexo e grau de escolaridade.
4º variação estilística, essa variação é variação se dá pelo fato de cada indivíduo possuir uma forma e estilo de falar próprio e ele adequa de acordo com a situação em que se encontra a comunicação.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Borin (2009).

As variações destacadas no quadro 8 explicam sobre as diferentes variações linguísticas. Há situações em que os falantes identificam uma maneira deferente de falar, às vezes, por destoar de um padrão, acabam sofrendo estigma, ocorrendo o que se denomina preconceito linguístico. Bagno (2001) discorre que:

Preconceito lingüístico é a atitude que consiste em discriminar uma pessoa devido ao seu modo de falar. Como já dito, esse preconceito é exercido por aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade, à “norma padrão de prestígio”, ocupam as classes sociais dominantes e, sob o pretexto de defender a língua portuguesa, acreditam que o falar daqueles sem instrução formal e com pouca escolarização é “feio”, e carimbam o diferente sob o rótulo do “erro”. Infelizmente, “preconceito lingüístico” é somente uma denominação “bonita” para um profundo preconceito “social”: não é a maneira de falar que sofre preconceito, mas a identidade social e individual do falante (BAGNO, 2001, sp).

O preconceito é criado pelo falante, mas na realidade o fator essencial desta situação é sua posição social. Ainda sobre o preconceito linguístico, Bagno (2005) acrescenta,

[...] muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa (BAGNO, 2005, p.69).

O autor exprime o paradoxo entre a linguagem “padrão” e da “não padrão”, de fato, é um percurso “complexo”, pois a linguagem oral é diferente da linguagem escrita, e pensando entre essas suas linguagens “padrão” e “não padrão”, imediatamente associamos aos diferentes tipos de uso, uma vez que a linguagem escrita é mais criteriosa e segue os padrões gramaticais, enquanto a oral tende a ser mais livre e espontânea.

A variação linguística, na concepção de alguns teóricos, ocorre em todos os níveis de construção da linguagem, e que ocorre em função do emissor e do receptor, levando em consideração a região geográfica em que se encontra (emissor ou receptor), faixa-etária, classe social e profissão, estes, são fatores responsáveis para as variações. No Brasil, por exemplo, pelo fato de ser um país extenso e miscigenado, utilizando a mesma língua materna, consecutivamente, haverá a heterogeneidade linguística, dentro do mesmo estado, ou região linguística (BORIN, 2009).

Na concepção de Tarallo (1993), os falares regionais poderão ser expostos e mapeados com base em uma metodologia da linguagem que auxilie o trabalho do linguista. Dessa forma, a Sociolinguística analisaria as semelhanças entre as variações linguísticas e as variações sociológicas, descrevendo o falante em toda sua essência, não desprezando o contexto o qual se encontra, mas levando em consideração o aspecto envolvido no processo de emissão da mensagem.

2.2 ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A SOCIOLINGUÍSTICA

As línguas passam por variações e mudanças linguísticas podendo ser

“influenciadas” por fatores internos e externos da língua. Os fatores internos poderão estar relacionados à própria língua, a variação lexical, fonética e morfológica, enquanto os fatores externos, geralmente, direcionam-se a relação social do falante; econômica, regional, cultural, faixa etária, ente outros (NOGUEIRA; SILVA, 2018). A teoria variacionista esclarece que existem diferentes formas de se utilizar a língua para se referir a mesma coisa, mantendo o mesmo valor semântico e o mesmo valor de verdade, são utilizadas palavras diferentes, mas possuem o mesmo significado. Portanto, as variantes linguísticas são as diversas formas de referir ao mesmo, tais como: *colher*, *cuier* e *culé*.

Devido à tradição escolar, baseado em normas gramaticais, a gramática normativa faz com que observemos a diferença como “erro”, quando, na verdade, não se trata de “erro”, mas sim de variação. A língua se apresenta de várias formas diferentes, com isso acontece o preconceito linguístico por considerar que existe a maneira “correta”, e que é a norma culta, todavia, as variações linguísticas são aceitas e nenhuma delas é superior ou considerada a única “certa”.

Aprendemos que, na sociedade, cada grupo ou povo, fundamentado no que já vivenciou, tem a capacidade de modificar o seu presente e seu futuro, produzindo então, mudanças evolutivas que não fogem de um padrão social ocorrida em tempos anteriores. Dentro dessas diferenças é que podemos discutir o fenômeno da variação linguística (CARLOS, 2017).

No que se refere à variação, é importante destacar que não se simplifica a uma única variação apenas a um elemento encontrado. Para Fiorin (2003), ela pode ocorrer em níveis diferentes:

Pode ser que o falante não saiba que “jerimum”, palavra muito mais usada na Bahia, corresponde a “abóbora”, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país. É, contudo, inegável que, ainda que hajam tais diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua. Falamos a mesma língua em São Paulo e na Bahia. (FIORIN, 2003, p.122).

O autor se refere a uma denominação de variação lexical, o exemplo nos mostra que para o mesmo objeto há diferentes significados, isso é uma característica à região a

qual o falante se encontra. A diafásica é a variação responsável pelas variantes de pronúncia oral, é a ocasião que a definirá o modo de fala, mais formal ou informal.

Fiorin (2003), ao falar da supressão do (r) e a utilização da vogal acentuada, nos leva acreditar que ele fez inferência com fenômeno discutido neste trabalho, apócope, pois em verbos no infinitivo há essa ocorrência da queda só fonema final ex: andar/andá:

Podemos dizer 'andar, pronunciando o 'r', ou então o que seria grafado como 'andá', colocando o acento agudo sobre o 'a' da última sílaba. Desse modo, as variantes para expressar a noção gramatical de 'infinito': o morfema {-r} e o morfema V (vazio, decorrente do apagamento do -r-). Esse é um exemplo, portanto de variável morfológica. (FIORIN, 2003, p.123).

O falante em uma situação descontraída e livre de formalidades, geralmente omite a pronúncia da consoante (r) final, vai depender do contexto em que se encontra, esse mesmo falante “pode” apresentar em sua oralidade a pronúncia do (r) final, pois mudou seu local de fala (FIORIN, 2003).

A língua pode apresentar variação de período para período, se comprara a linguagem entre um idoso e um jovem, com certeza irá perceber grau de variação no processo de fala, esse fenômeno podemos chamar de variação linguística, essa situação condiz à teoria laboviana que nos atenta às questões das gerações diferentes (MONTEIRO, 2000).

Com base em Coelho (2012), apresentamos algumas variações linguísticas e as suas particularidades:

Quadro 9 – Tipos de Variação Linguística.

VARIAÇÃO	DEFINIÇÃO
Diatópica	A variação diatópica, também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala.
Diacrônica	São as mudanças por que passam as formas de uma língua no tempo.
	A fala pode as características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social. Os principais fatores sociais que

Diastática	condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão.
Diafásica	Um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas, dependendo da situação em que se encontra.
Diamésica	A palavra diamésica se relaciona etimologicamente à ideia de vários meios; no contexto da Sociolinguística, os meios ou códigos a que nos referimos são a fala e a escrita.
Diassexual	Refere-se ao sexo masculino e feminino.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Coelho et al. (2012).

Podemos notar que as variações podem ocorrer de acordo ao período decorrido, ao gênero do falante, à localização geográfica e a formalidade no emprego da língua e etc. Esses elementos são fundamentais para entendermos como classificar cada tipo de variação.

Segundo Labov (1994), uma comunidade que possui gerações distintas de falantes com diferenças linguísticas, ocorre variação no processo diacrônico, tempo real que são as mudanças linguísticas sofridas no decorrer do tempo com pessoas de décadas diferentes, ou seja, tempo real trata das mudanças ocorridas em decorrência de tempos distintos. Enquanto o tempo aparente trata das diferenças linguísticas de gerações de uma mesma época.

Uma marca que podemos classificar como um fator da mudança linguística é a utilização das gírias como forma de identidade cultural: este uso de linguagem geralmente é empregado pelos jovens, é uma questão de marcação identitária, o público jovem, na grande maioria das vezes, tende a apropriar-se de linguagens inovadoras “modismo” (BAGNO, 2007).

Percebemos o efeito que a idade do falante inflige à língua, trazendo também mudanças sociais no decorrer da vida. Em cada fase da vida, uma pessoa sofre influências da maneira de se falar, de acordo ao momento que está inserido, por exemplo, um adolescente que busca não seguir a língua padrão, para se aproximar de certo grupo

ao qual se identifica e se diferenciar de outros grupos ao qual lhe é estranho. Entende-se que a pesquisa sociolinguística objetiva mostrar os estudos entre o homem e sociedade, é a representação da maneira que a língua é usada por grupos de pessoas e regiões diferentes (BAGNO, 2007).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, traremos abordagens no que diz respeito à maneira de como foi a execução da pesquisa com métodos qualitativos e quantitativos realizados pela dupla, fundamentada na teoria da Sociolinguística.

3.1 METODOLOGIA

Há dois anos, pensamos na ideia de construir a monografia sobre o metaplasmo apócope na cidade de Jacobina-Bahia, a princípio, seria uma pesquisa realizada nas ruas desta cidade, mas, em 2020, fomos surpreendidas pela Covid-19 e a obrigatoriedade do distanciamento social. Seguimos os protocolos do Ministério da Saúde (MS), bem como o decreto regido pelo Estado e a Universidade da Bahia (UNEB), mantendo o distanciamento social.

Para coletar os dados, utilizamos um celular com alto falante para gravar toda comunicação, objetivando gravar a linguagem de alguns habitantes de Jacobina-Bahia com relação à ocorrência do fenômeno apócope.

Para a elaboração das questões, contamos com o auxílio do Questionário do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALIB) (COMITÊ NACIONAL..., 2001), que se fundamenta nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo de língua, deixar de considerar.

No que tange à entrevista, à medida que nós perguntávamos, os informantes respondiam, foi realizada da seguinte maneira: utilizamos 20 (vinte) questões, sendo 9 (nove) relacionadas ao objeto de estudo, apócope, e as demais para despistar os informantes, conforme ilustra o quadro 10.

3.2 O QUESTIONÁRIO

Os dados recolhidos através das entrevistas, utilizamos como mecanismo o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALIB (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001) para análise na pesquisa, do qual foram retiradas parte das

perguntas. Das 20 perguntas, 9 foram criadas para verificação do fenômeno em estudo, sendo elas: QFF 02, QFF 04, QFF 06, QFF 08, QFF 10, QFF 14, QFF 15, QFF 16 e QFF20, as demais perguntas foram retiradas como base no Questionário supracitado, QFF 01, QFF 03, QFF 05, QFF 07, QFF 09, QFF 11, QFF 12, QFF 13, QFF 17, QFF 18 e QFF 19, conforme quadro 10.

Quadro 10 - Questionário para entrevista.

PERGUNTAS	VOCÁBULOS
QFF 01 - Onde se constrói uma casa?	TERRENO
QFF 02- O contrário de homem é?	MULHER
QFF 03- Aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas?	TELEVISÃO
QFF 04- Objeto que você usa para colocar açúcar em chá?	COLHER
QFF 05- Para que a porta não fique aberta, se diz, fulano, -----a porta!	FECHA
QFF 06- Quando você vai viajar de ônibus primeiro você compra a -----	PASSAGEM
QFF 07- Uma refeição que se faz, em geral, às 12:00 horas:	ALMOÇO
QFF 08- Tempo de calor se não tiver ar condicionado você usa o que?	VENTILADOR
QFF 09- Qual o contrário de feio?	BONITO
QFF 10- O contrário de entrar?	SAIR
QFF 11- Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?	MANTEIGA
QFF 12- Qual o nome daquele caroço que sai no corno composto de uma secreção amarelada?	FURÚNCULO
QFF 13- O feminino de carneiro?	OVELHA
QFF 14- Qual o contrário de mulher?	

	HOMEM
QFF 15- No inverno faz frio e no verão?	CALOR
QFF 16- Quando alguém fala algo sem importância você considera uma?	BOBAGEM
QFF 17- Quando fica escuro seu quarto você faz o que?	LUZ
QFF 18- Objeto que usa geralmente em baixo da cabeça para dormir?	TRAVESSEIRO
QFF 19- Aquilo que a aranha faz nas paredes?	TEIA
QFF 20- Nome daquela área reservada para guarda veículos em residências?	GARAGEM

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), com base no QFF do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001).

O quadro 10 demonstra todas as questões utilizadas na entrevista, lembrando que foram 11 questões retidas do Questionário do Projeto ALiB, com a intenção de despistar os informantes, e 9 elaboradas pelas autoras, com o objetivo de analisar o fenômeno apócope.

3.3 INFORMANTES

Para realização desta pesquisa, consideramos o total de 12 pessoas com faixa etária entre 18 a 38 anos e 45 a 65 anos, entre o sexo masculino e feminino e com níveis de escolaridade diferenciados entre fundamental, médio e superior. Vale lembrar que todo processo de entrevista e gravação foi autorizado por todos os informantes da pesquisa, conforme o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram direcionadas aos moradores de Jacobina, e foi levada em consideração o critério do entrevistado residir e ser natural da cidade, como também a diversificação dos dados dos entrevistados com relação à idade, sexo e escolaridade. O quadro 11 demonstra como foram estratificados os informantes da pesquisa.

Quadro 11- Dados dos informantes da pesquisa.

INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
1	I	FEMININO	ENSINO SUPERIOR
2	II	FEMININO	ENSINO MÉDIO
3	II	FEMININO	ENSINO SUPERIOR
4	I	MASCULINO	ENSINO SUPERIOR
5	II	FEMININO	ENSINO FUNDAMENTAL
6	I	MASCULINO	ENSINO MÉDIO
7	II	MASCULINO	ENSINO FUNDAMENTAL
8	II	MASCULINO	ENSINO SUPERIOR
9	I	FEMININO	ENSINO FUNDAMENTAL
10	I	FEMININO	ENSINO MÉDIO
11	II	MASCULINO	ENSINO MÉDIO
12	I	MASCULINO	ENSINO FUNDAMENTAL

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021)

Foram selecionadas para as entrevistas pessoas das faixas etárias I e II, na qual utilizamos um intervalo de 7 anos entre elas, com escolaridade entre ensino fundamental, ensino médio, e ensino superior do sexo masculino e feminino.

3.4 JACOBINA SUA HISTÓRIA E SUA GENTE

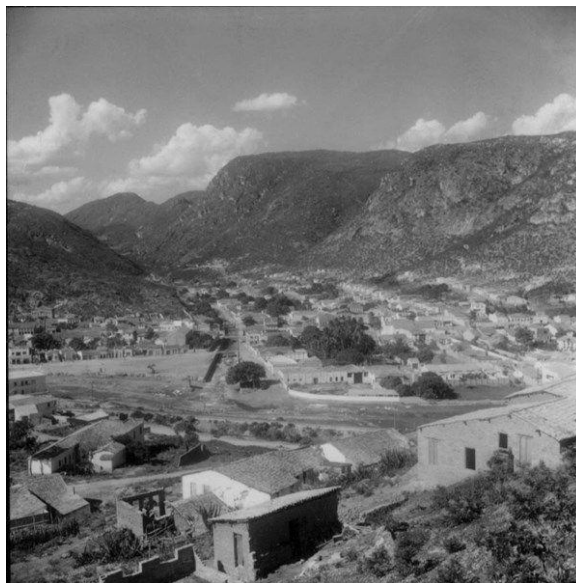
A cidade de Jacobina está localizada aproximadamente a 340,9 Km da capital baiana: Município da Região Centro-Norte do Estado da Bahia possui uma área de aproximadamente 2.192,905 km², faz divisa com as cidades de: Caém , Capim Grosso, Miguel Calmon, Mirangaba, Orolândia, Saúde, Serrolândia e Várzea Nova, com altitude de: 470 m, seu clima é: Semiárido, tem uma temperatura anual em média de: 29°C: composta várias empresas e indústrias de pequeno, médio e grande porte, vindo uma das maiores fontes de renda da região, a mineração e as Torres Eólicas do Nordeste (TEN). Espaço territorial da cidade Jacobina: Jacobina-sede, Catinga do Moura, Itaitu, Itapeipu e Junco. Município criado em 24 de junho de 1720.

Figura 1: Município de Jacobina – BA (atual).



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=foto+jacobina>, acesso em 13 de jun.2021.

Figura 2: Município de Jacobina – BA (imagem antiga).



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/71635450307902098/>, acesso em 10 de out. 2021.

Ao discutir o comportamento de fala de uma determinada região, é importante fazer estudo em Sociolinguística Variacionista. Para Labov (1972).

A Sociolinguística Variacionista, conhecida também como teoria da variação e mudança, surge a partir dos estudos de Labov e dos postulados, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), avaliação e a mudança linguística, levando em conta a linguagem inserida em seu contexto social, observando-se em método de análise quantitativo de dados, obtidos a partir da fala espontânea dos indivíduos (na

medida em que isso é possível), ou seja, do vernáculo, estilo em que o mínimo monitoramento é dispensado à produção linguística (LABOV, 1972, p. 208).

A teoria Variacionista, segundo Labov (1972), discute um novo olhar no que se refere às variáveis formas de linguagens dos falantes numa determinada comunidade de fala, além de comprovar a heterogeneidade. Estudos iniciais do autor são focados na ideia de analisar os fenômenos de variação de caráter fonológico, dando ênfase que as variações são influenciadas por fatores sociais e estilísticos.

Estudar a maneira de falar de qualquer região faz necessário revisar os fatores históricos antepassados da própria língua, bem como observar o contexto histórico da cidade pesquisada, geralmente, há influências em sua maneira de falar, a cultura local está muito presente na vida dos habitantes de cada região. Para melhor descrever sobre a raiz de Jacobina, traremos a diante algumas colocações da professora Doraci Araújo Lemos (1995) “em memória”. Expondo os fatos históricos considerados relevantes, para assim entender a formação cultural, identitária e linguística do município de Jacobina-Ba.

Jacobina nasceu quando os bandeirantes, paulistas, como também, os portugueses chegaram por volta do século XVII. Os currais e a descoberta do ouro foram obras-primas deles. Perceberam que era uma região rica de bens preciosos, nisso começaram a depositar maior valor a região. O primeiro a chegar em Jacobina foi Belchior Dias Moréya o “Muribeca”, ele revistou toda a terra pertencente à Jacobina e percebeu que era um território rico, composto por vários minérios, prata, pedras preciosas e salitre.

No ano de 1612, imigrou para Portugal e passou até a corte da Espanha, declarou os valores que tinha em requerimento, porém não foi atendido e teve que retornar sem efeito ao Brasil. Foi preso dois anos após chegada à Jacobina por não revelar as minas encontradas, sendo também condenado a pagar 9.000 cruzados, porque os governadores D. Luiz de Souza (pernambucano) e D. Francisco de Souza (baiano), tinha custeado as despesas gastas durante a descoberta das minas. Belchior pagou a quantia exigida, após a quitação da dívida foi liberada da prisão, retornando a suas fazendas no Rio Real, faleceu em (1619). Com isso, as minas de ouro ficaram abandonadas por quase um século.

Belchior teve um filho com uma índia da aldeia Jarú, de nome Robério Dias, este

não muito satisfeito com o legado do pai, jogou fora todas as memórias antigas guardadas por Belchior, com: Visconde de Porto Seguro, Adolfo Varnhagem e História Geral, com essa informação, deixa inverossímil que o Robério Dias fosse o próximo descobridor das minas de prata e ouro.

Por volta de 1652, Antônio de Brito Correia, governador do estado, escolheu as terras de Jacobina, pois percebeu que seria um lugar adequado para criação de gado. Juntos ficaram os currais, colonos, escravos e os vaqueiros, na chamada “lagoa do gado” que posteriormente ficou conhecida por “Lagoa Antônio Sobrinho”.

O mestre do campo filho de Brito, Antônio Guedes de Brito, proprietário de grandes hectares de terra, conforme cita o documento do imóvel, a propriedade abre uma estrada pelo lado norte de Jacobina e outras no sentido leste e oeste, estas terras serviram de grandes fontes de renda, principalmente na área da pecuária (LEMOS, 1995).

O quarto possuidor das terras de Jacobina foi Antônio da Silva Pimentel, passando a construir nas terras de Jacobina igrejas, solicita permissão ao Rei de Portugal, D. Pedro II (1667-1705). Alvará régio de maio de 1705, “D. Catarina, Rainha da Inglaterra, infanta de Portugal e Reagente do Reino, no impedimento do seu irmão, o Rei D. Pedro II, deu-lhe licença” (LEMOS, 1995, p.22), concordou a abertura de uma igreja nas terras de Jacobina localizada no sertão da Bahia.

Romão Gramacho Falcão foi um bandeirante baiano, construiu em 1755 a primeira igreja em Jacobina, igreja São Miguel das Figuras e Fez são Miguel padroeiro dos garimpeiros.

No século XVII, surgiram novos aventureiros em busca de minas de ouro, formado por imigrantes distintos. Após a descoberta das minas, começaram a explorar o minério descontroladamente. E entre 1702 a 1705, a exploração dos bens foi cessada pelo governador do estado D. Rodrigo da Costa, vindo a ser liberada no ano de 1727.

O então considerado arraial foi elevado à categoria de vila, nomeado o nome de Vila de Santo Antônio de Jacobina, por volta do ano de 1720, devido à influência aurífera da região e também à criação de duas casas de fundição. Em 1880, pela Lei Provincial 2.049/93, a vila de Santo Antônio de Jacobina, passou à categoria de cidade, com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. O município possui um importantíssimo patrimônio histórico, cultural e natural a ser preservado e corroborou com

relevantes passagens para a história brasileira.

A cidade de Jacobina é popularmente conhecida como “cidade do ouro”, recebeu este nome devido às minas de ouro que aqui se encontram, além de ser cercada de serras e cachoeiras passando a ser uma cidade atraída por turistas, e amantes da natureza aventureira.

No que se refere à origem e significado do nome Jacobina, existem diferentes versões. Conforme alguns historiadores, o referido nome possui uma origem indígena e significa “campo aberto” ou “campo vasto”, um termo derivado da língua Tupi, na qual significa “trecho calvo ou naturalmente despido de vegetação”. Com relação às outras versões, encontramos uma origem lendária que tem se passado por inúmeras gerações sobre o nome de Jacobina (LEMOS, 1995).

Segundo a lenda, tinha dentre os indígenas que aqui habitavam, um casal de nativos, cujos nomes eram Jacó e Bina e que estes dois intermediavam acordos entre os estrangeiros e os indígenas. De acordo com a lenda, Jacó e Bina eram lideranças dos paiaiás. “Os paiaiás pertenciam provavelmente a Serra do Orobó; estavam espalhados por toda Chapada Diamantina e Encosta (Piemonte), misturados com outras diversas tribos” (LEMOS, 1995, 28). Após a morte do casal, e objetivando tornar esta história viva nas memórias dos jacobinenses, o município recebe os respectivos nomes, unidos, Jacó e Bina, passando a ser Jacobina.

Jacobina tem uma beleza natural encantadora, cortada por dois rios: “O Rio do ouro” e “O rio Itapicuru”, possui várias cachoeiras, belas paisagens naturais, suas tradições despertaram no jacobinense, aqui, há amantes da que se expressam através de poesias, cordéis, inúmeras mensagens criadoras sobre as riquezas da referida cidade e principalmente por meio da pintura e da música. Também se destacam no drama e na comédia com boa atuação apresentada pelos grupos teatrais da cidade. Grande parcela dos habitantes do município de Jacobina declara a fé cristã.

A cidade dispõe de duas paróquias: a paróquia de São José Operário e a paróquia de Santo Antônio. Com existência de inúmeras igrejas protestantes. Além de outros formatos de servir a Deus (cultos domiciliares) É um município de muitos festejos tradicionais, como: a micareta, a caminhada da luz, a marujada, entre outras. As referidas festas, principalmente a micareta, atraem pessoas de várias regiões do país, nesses

períodos além dos foliões se divertirem, agrega valores financeiros a aquelas pessoas que trabalham (vendedores) durante os festejos.

A chegada do padre Alfredo Bernardo Maria Haasler em Jacobina, nascido na Áustria, missionário da ordem dos Cistercienses preocupados com a educação dos jovens da época, inseriu escolas paroquiais pela região, a chegada do padre foi em 1938, a partir daí inúmeras festas religiosas (católicos) aconteceram.

Padre Alfredo tinha ensinamentos divinos, deixando marcas da educação em 48 escolas, exemplos de ensinamentos. Padre Alfredo prestou um grande papel social na cidade de Jacobina, tanto na área da educação, como em outras áreas.

A ideia de uma fundação de universidade em Jacobina iniciou quando o então prefeito Dr. Fernando Pires Daltro nomeou uma comissão constituída de professores para estudar a possibilidade de concretização da ideia supracitada. Em 1972, aproveitando uma visita realizada, pelo governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, à cidade de Irecê. O prefeito Fernando Pires Daltro entrega ao governador um documento solicitando-lhe uma faculdade para Jacobina, na perspectiva de transformá-la em uma capital sertaneja de educação com a fundação de uma escola de nível superior.

Anos depois, o sonho da implementação de uma escola de nível superior na cidade de Jacobina foi realizado. Em 1980, comemorou no Leader Esporte Clube, o secretário de educação assinou edital que tornou pública a abertura das inscrições para o vestibular de 1981, unificado para as Faculdades do Interior do Estado

Hoje o município de Jacobina-Ba tem 141 anos de emancipação, com aproximadamente 79.247 mil habitantes (dados de descrição 2017 IBGE), conta com mais de 90 (noventa) escolas dentre elas, municipais, estaduais, privadas e federais. A referida cidade, atualmente tem 01 (uma) Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e mais 4 (quatro) faculdades, as quais atendem Jacobina e microrregião.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, foram realizadas análises do fenômeno apócope ocorrido nos vocábulos de falantes, habitantes de Jacobina- Bahia. Verificamos as diferentes formas de uso de alguns vocábulos específicos, tais como: *mulher, colher, ventilador, sair, calor, passagem, homem, bobagem e garagem*.

4.1 VOCÁBULOS TERMINADOS EM R

Nessa subseção, apresentaremos as variantes fonéticas encontradas nos vocábulos com terminações em “r”, a saber: QFF 02, QFF 04, QFF 05, QFF 08, QFF 10 e QFF 15.

4.1.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 02- MULHER)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “mulher”, que foi formulada da seguinte maneira: QFF 02- “Qual o contrário de homem” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 12.

Quadro 12 – Transcrições Fonéticas (QFF 02)

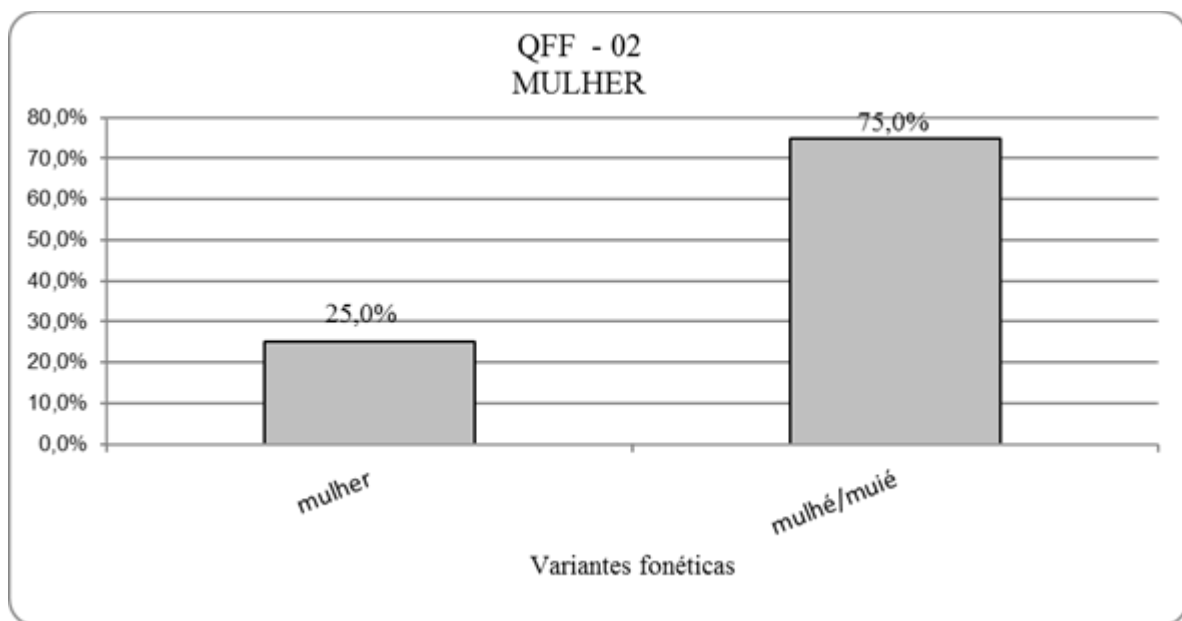
Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	Muíé	[ɲuj'ɛ]
2	Muíé	[ɲuj'ɛ]
3	mulher	[mu'λer]
4	Muíé	[ɲuj'ɛ]
5	mulhé	[mu'λe]
6	mulhé	[mu'λe]
7	mulhé	[mu'λe]
8	mulhé	[mu'λe]
9	mulher	[mu'λer]
10	mulhé	[mu'λe]

11	mulher	[mu'λer]
12	mulhé	[mu'λe]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizamos 100% das ocorrências válidas, constatamos 75% do fenômeno apócope, enquanto 25% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 - Porcentagem das respostas para QFF 02.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 1, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 02, e quanto é grande a incidência do fenômeno nesse vocábulo, que ocorreu em todas as variáveis sociais, quer sejam de escolaridade, faixa etária, sexo. Isso indica que há ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que, na faixa I, o apócope apresenta um percentual 50 %, seguindo com a faixa II, com 25 % de constatação da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de faixa mais jovem, geralmente, tendem a fazer mais uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, os homens correspondem 44,44%, ao passo que as mulheres correspondem 55,55%. É possível perceber uma maior ocorrência por parte do sexo feminino no uso do vocábulo apocopado, “mulhé” [mu'λe].

Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu uma relevância notória, posto que, quanto maior foi o grau de escolaridade, menor a possibilidade de produzir o fenômeno, segundo resultados extraídos: de 33,33% no fundamental, Ensino Médio 44,44% e Ensino Superior de 22,22%.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 02 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência de a língua ficar próxima do céu da boca, percebe-se na ocorrência de “mulhé” [mu'λe].

4.1.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 04 - COLHER)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “colher”. A questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 04- “Objeto que você usa para colocar açúcar em chá?” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 13.

Quadro 13 - Transcrições Fonéticas (QFF 04)

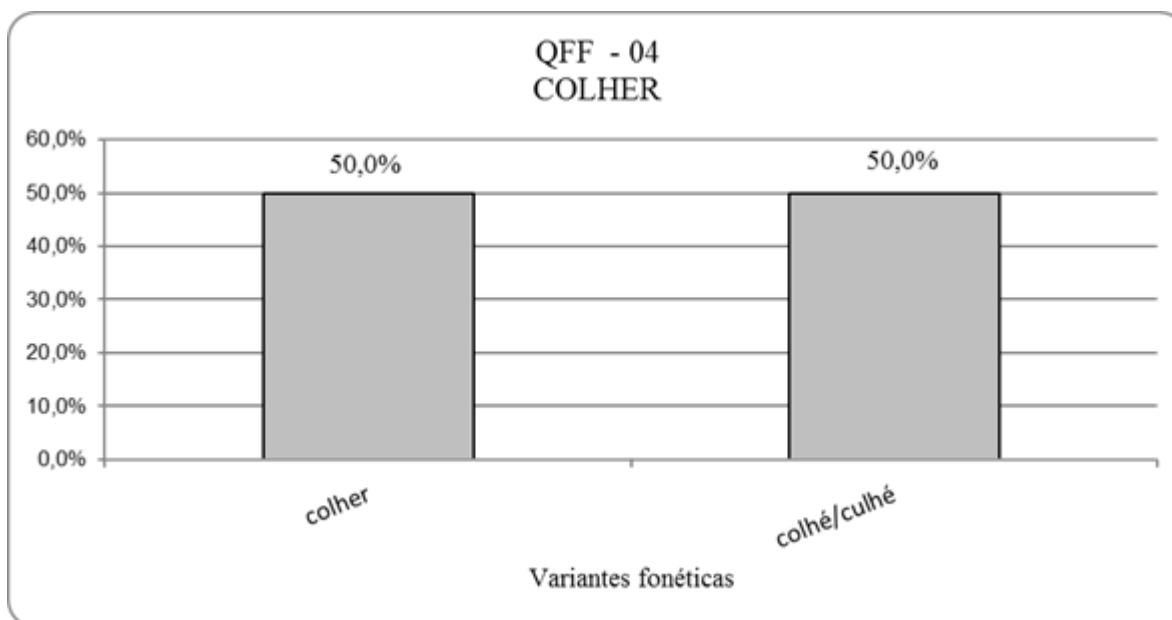
Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	colher	[kɔλeɪ]
2	Colher	[kɔλeɪ]
3	colher	[kɔλeɪ]
4	colhé	[kuλe]
5	Culhé	[kuλe]
6	Culhé	[kuλe]
7	Colhé	[kɔλe]

8	Colher	[kɔɫɛɾ]
9	Colhé	[kɔɫɛ]
10	Colhé	[kɔɫɛ]
11	Colher	[kɔɫɛɾ]
12	Colher	[kɔɫɛɾ]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizou 100% das ocorrências válidas, constatamos 50% do fenômeno apócope, enquanto 50% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Porcentagem das respostas para QFF 04.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 2, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 04, parte dos entrevistados apocoparam, enquanto a outra não realizaram a fenômeno, o demonstra a equiparação da ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que, na faixa I, o apócope apresenta um percentual 62,5%, seguindo com a faixa II, com 37,5% de constatação da

pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de faixa mais jovem, geralmente, tendem a fazer uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, os homens correspondem 66,66%, ao passo que as mulheres correspondem 33,33%. É possível perceber uma maior ocorrência por parte do sexo masculino no uso do vocábulo apocopado, "culhé" [kule] colhé [kole].

Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu uma relevância notória, posto que, quanto maior foi o grau de escolaridade, menor a possibilidade de produzir o fenômeno, segundo resultados extraídos: de 50% no fundamental, Ensino Médio 33,33% e Ensino Superior de 16,66%.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 04 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação "alveolar vozeado". O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência de a língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se isso nas ocorrências de "culhé, [kule] e colhé [kole].

4.1.3 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 08- VENTILADOR)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para "ventilador", a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 08- "Tempo de calor se não tiver ar condicionado você usa o que? Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 14.

Quadro 14 – Transcrições Fonéticas (QFF 08)

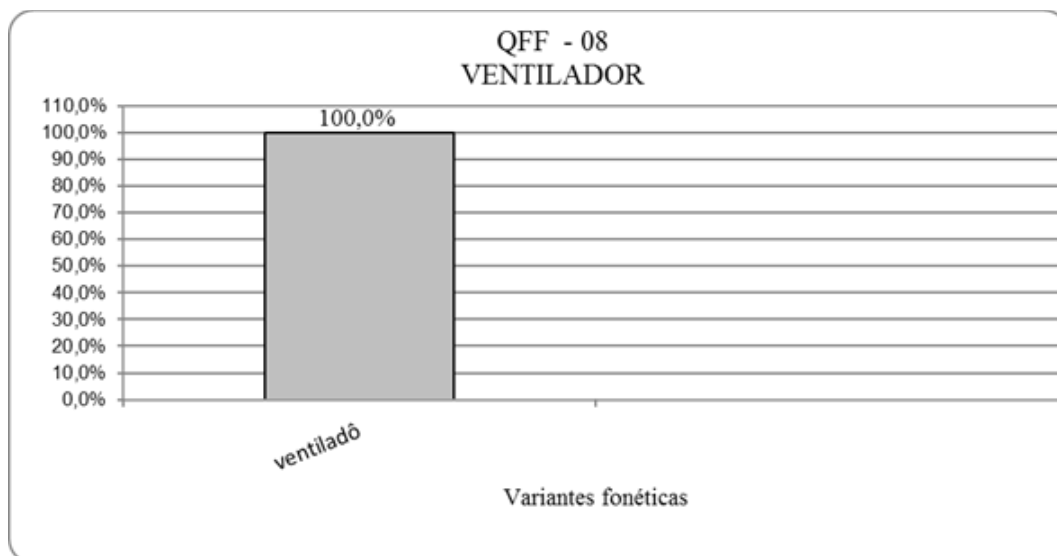
Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	Ventilado	[vẽ'tiladô]
2	Ventilado	[vẽ'tiladô]
3	Ventilado	[vẽ'tiladô]
4	Ventilado	[vẽ'tiladô]
5	Ventilado	[vẽ'tiladô]
6	Ventilado	[vẽ'tiladô]

7	Ventilado	[vẽ'tiladô]
8	Ventilado	[vẽ'tiladô]
9	Ventilado	[vẽ'tiladô]
10	Ventilado	[vẽ'tiladô]
11	Ventilado	[vẽ'tiladô]
12	Ventilado	[vẽ'tiladô]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, percebemos que teve a unanimidade de ocorrência do apócope, totalizou 100% das ocorrências válidas, como pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Porcentagem das respostas para QFF 08.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 3, nota-se que há uma única variante fonética da questão QFF 08, pois a forma " Ventiladô [vẽ'tiladô]" totalizou 100% das ocorrências válidas. Como pode ser observado, todos entrevistados apocoparam, o que identifica a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina – Ba, neste item.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, escolaridade, faixa etária e sexo, nota-se que em todos os quesitos o apócope apresenta um percentual 100% de

constatação da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de ambas as faixas tendem a fazer uso do apócope na ocorrência do vocábulo “Ventiladô [vẽ'tiladô]”.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 08 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência da língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se na ocorrência de “Ventiladô [vẽ'tiladô]”.

4.1.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 10- SAIR)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para o vocábulo “sair”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 10- “O contrário de entrar é? Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 15.

Quadro 15 - Transcrições Fonéticas (QFF 10)

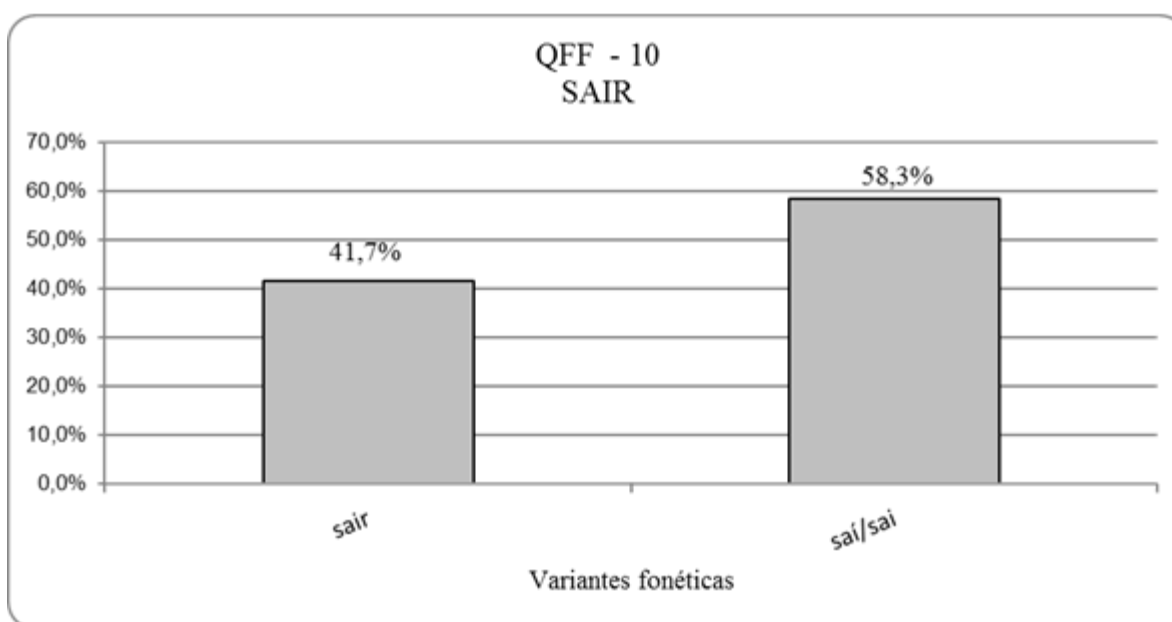
informante	vocábulos dos informantes	transcrição fonética
1	Saí	[saĩ]
2	sair	[sa'ĩr]
3	Saí	[saĩ]
4	Saí	[saĩ]
5	Saí	[saĩ]
6	sair	[sa'ĩr]
7	Sai	[saĩ]
8	sair	[saĩr]
9	saí	[saĩ]
10	sair	[sa'ĩr]
11	sair	[sa'ĩr]

12	Saí	[saĩ]
----	-----	-------

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizou 100% das ocorrências válidas, constatamos 58,3% do fenômeno apócope, enquanto 41,7% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Porcentagem das respostas para QFF 10.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 4, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 10. É grande a incidência do fenômeno nesse vocábulo, o qual identifica a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que, na faixa etária I, o apócope apresenta um percentual 57,14%, seguindo com a faixa II, com 42,86% de constatação da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de faixa mais jovem, geralmente, tendem a fazer uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, os homens correspondem 71,42%, ao passo que as mulheres correspondem 28,58%. É possível perceber uma maior ocorrência por parte do sexo masculino no uso do vocábulo apocopado, Saí [saĩ] Sai [saĩ].

Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu uma relevância notória, posto que, quanto maior foi o grau de escolaridade, menor a possibilidade de pronunciar o fenômeno, segundo resultados extraídos: de 42,85% no fundamental, ensino médio 28,57% e ensino superior de 28,57%.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 10 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência de a língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se na ocorrência de “Sai [saĩ] Sai [saĩ]”.

4.1.5 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 15- CALOR)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “calor”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 15- “No inverno faz frio e no verão?” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 16.

Quadro 16: Transcrições Fonéticas (QFF 15)

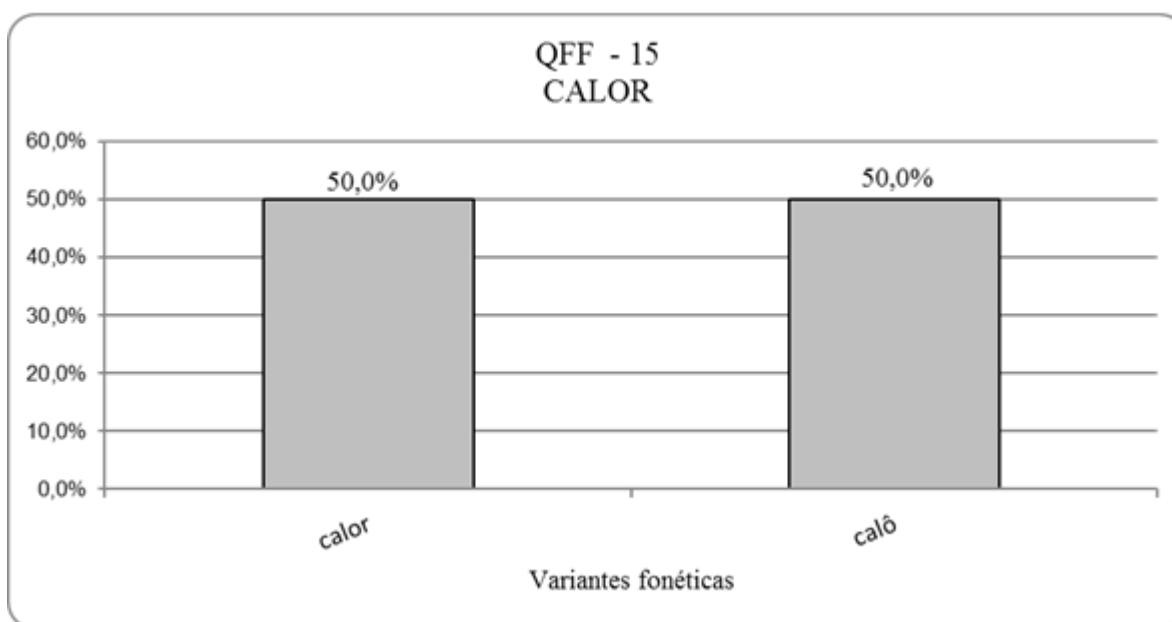
Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	calô	[ka'or]
2	Calô	[ka'lo]
3	calor	[ka'or]
4	calor	[ka'or]
5	Calô	[ka'lo]
6	calor	[ka'or]
7	Calô	[ka'lo]]
8	calor	[ka'or]
9	Calô	[ka'lo]
10	calor	[ka'or]]

11	calor	[ka'or]
12	Calô	[ka'lo]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizou 100% das ocorrências válidas, constatamos 50% do fenômeno apócope, enquanto 50% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 5.

Gráfico 5: Porcentagem das respostas para QFF 15.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 5, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 15, parte dos entrevistados apocoparam enquanto a outra parte não, o que identifica a equiparação entre ocorrência e não ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - Ba.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se equiparação também no quesito faixa etária, o apócope apresenta um percentual 50 % para faixas I e II na constatação da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de ambas as faixas tendem a fazer uso do apócope “Calô [ka'le]”.

Com base no aspecto social, os homens correspondem 50%, ao passo que as mulheres correspondem 50%. É possível perceber paridade de ocorrência por ambos os sexos no uso do vocábulo apocopado.

Analisando o aspecto social escolaridade, é possível perceber paridade de ocorrência, posto que todos os níveis atingiram igualdade de 33,33%.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 15 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência de a língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se isso na ocorrência de “Calô [kɔlɛ]”.

4.1.6 Comparação entre as questões QFF: 02, QFF: 04, QFF:05, QFF:08, QFF: 10, QFF:15.

Nessa subseção, foram apresentadas as seis questões escolhidas que têm suas terminações em “r” e quais quesitos houve maior incidência do fenômeno apócope.

a. Se tratando do vocábulo “mulher”, a análise constatou a maior incidência do fenômeno no sexo feminino do ensino médio, da faixa etária I;

b. Se tratando do vocábulo “colher”, a maior predominância ocorreu entre os homens do ensino fundamental, da também faixa etária I;

c. Se tratando do vocábulo “ventilador”, por unanimidade, todos os níveis apocoparam, o que conseqüentemente mostra que independente do sexo, escolaridade e faixa etária o fenômeno pode ocorrer;

d. Se tratando do vocábulo “sair “, no sexo masculino, do ensino fundamental e da faixa etária I verificou-se maior incidência;

e. Se tratando do vocábulo “calor”, ambos os sexos do ensino médio e superior das faixas etárias I e II realizaram o fenômeno. Com base nas análises, constatou-se a predominância do fenômeno na faixa etária mais jovem, tendo em vista que, em todos os vocábulos, a faixa etária I apocopou, enquanto que a faixa etária II, quando ocorreu o fenômeno, não foi em todos os vocábulos, e nos que ocorreram, tiveram baixa incidência, o que pode estar relacionado a uma nova tendência linguística dos jovens.

Embora os vocábulos tenham a mesma terminação em “r”, não significou que o número de ocorrência do fenômeno apócope fosse igual.

4.2 VOCÁBULOS TERMINADOS EM M

Nessa seção, apresentaremos as variantes fonéticas nos vocábulos com terminações em “M”, a saber: QFF 06, QFF 14, QFF 16 e QFF 20.

4.2.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 06- PASSAGEM)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “passagem”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 06 “Quando você vai viajar de ônibus primeiro você compra a_____?” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 17.

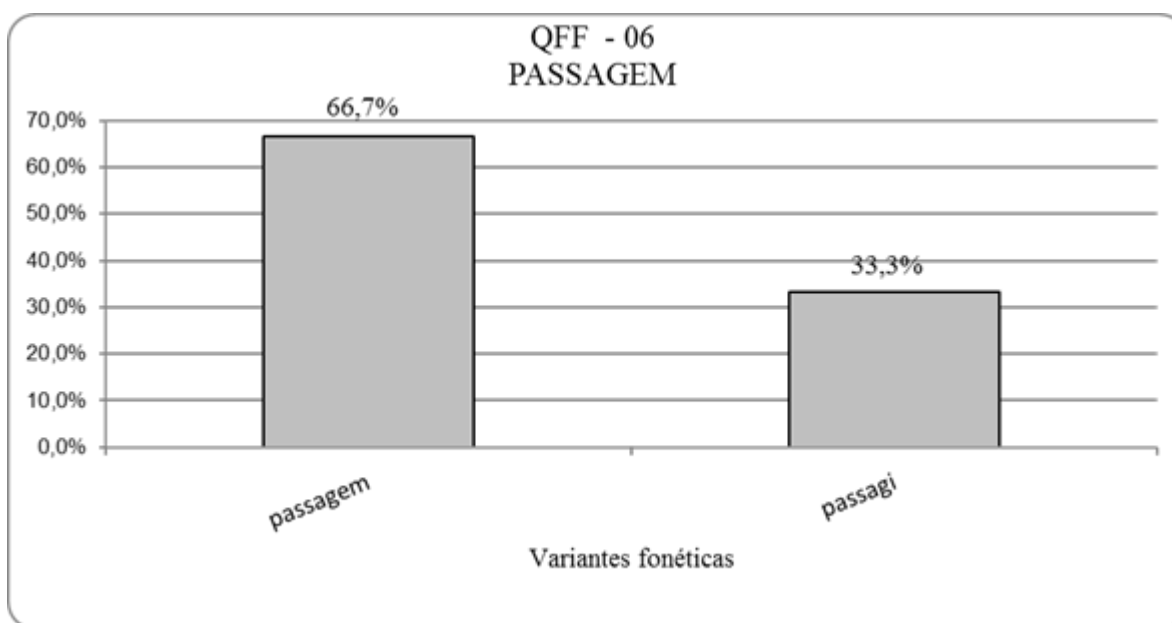
Quadro 17 – Transcrições Fonéticas (QFF 06)

Informante	Vocábulos informantes dos	Transcrição fonética
1	passagem	[pa'asʒẽ]
2	Passagem	[pa'asʒẽ]
3	Passagem	[pa'asʒẽ]
4	Passagem	[pa'asʒẽ]
5	Passagem	[pa'asʒẽ]
6	Passagem	[pa'asʒẽ]
7	Passagem	[pa'asʒẽ]
8	Passagi	[paçaʒi]
9	Passagem	[pa'asʒẽ]
10	Passagi	[pa'saʒi]
11	Passagi	[pa'saʒi]
12	Passagi	[pa'saʒi]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizou 100% das ocorrências válidas, constatamos 33,3% do fenômeno apócope, enquanto 66,7% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 6.

Gráfico 6 – Porcentagem das respostas para QFF 06.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 6, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 06 que a maior incidência do fenômeno nesse vocábulo ocorreu com sexo masculino. No quesito faixa etária, houve porcentagens iguais entre as faixas I e II, e se tratando da escolaridade, no ensino fundamental, nenhum entrevistado apocopou. Tais dados identificam a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que, nas faixas I e II, o apócope oferece um percentual 50 % de constatação da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de ambas as faixas tendem a fazer uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, os homens correspondem 75%, ao passo que as mulheres correspondem 25%. É possível perceber uma maior ocorrência por parte do sexo masculino no uso do vocábulo apocopado, "Passagi" [paçaʒi].

Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu uma relevância notória, posto que o menor grau de escolaridade não produziu o fenômeno ficando com 0%, ensino médio 75% e ensino superior de 25%.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 06 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma tendência da língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se isso na ocorrência de “Passagi’ [paçaʒi].

4.2.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 14- HOMEM)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “homem”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF 14 “O contrário de mulher” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 18.

Quadro 18 – Transcrições Fonéticas (QFF 14)

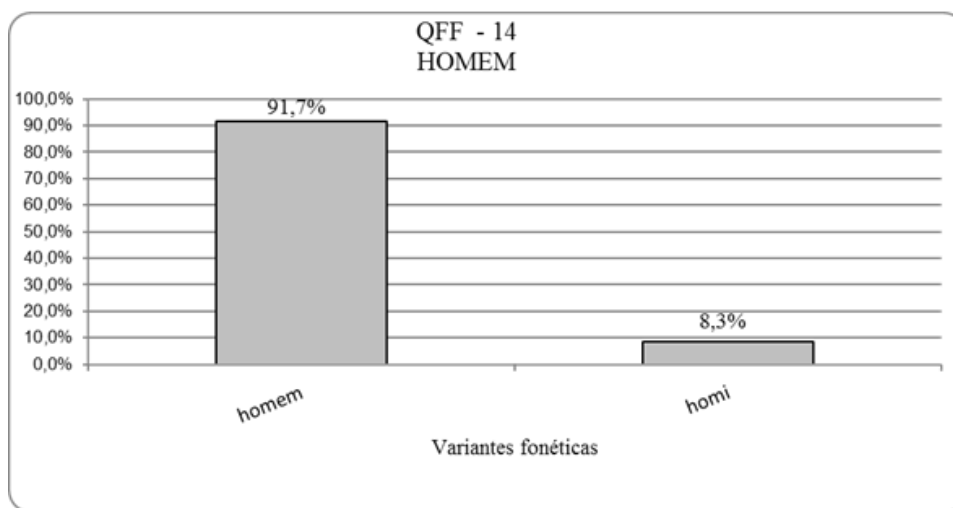
Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	homem	[ɔ'mĩj]
2	homem	[ɔ'mĩj]
3	homem	[ɔ'mĩj]
4	homem	[ɔ'mĩj]
5	homem	[ɔ'mĩj]
6	homem	[ɔ'mĩj]
7	homem	[ɔ'mĩj]
8	homem	[ɔ'mĩj]
9	homem	[ɔ'mĩj]
10	homem	[ɔ'mĩj]
11	homem	[ɔ'mĩj]

12	homi	['omĩ]
----	------	--------

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, apenas um informante fez uso do fenômeno apócope, enquanto os demais entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 7.

Gráfico 7 – Porcentagem das respostas para QFF 14.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 7, nota-se que, para as variantes fonéticas da questão QFF 14, houve pouca incidência do fenômeno nesse vocábulo, ocorreu apenas com sexo masculino que possui um maior nível de escolaridade, e faz parte da faixa etária I. Tais dados identificam a baixa ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA, no que tange a essa questão.

4.2.3 Questionário Fonético-Fonológico QFF 16- (BOBAGEM)

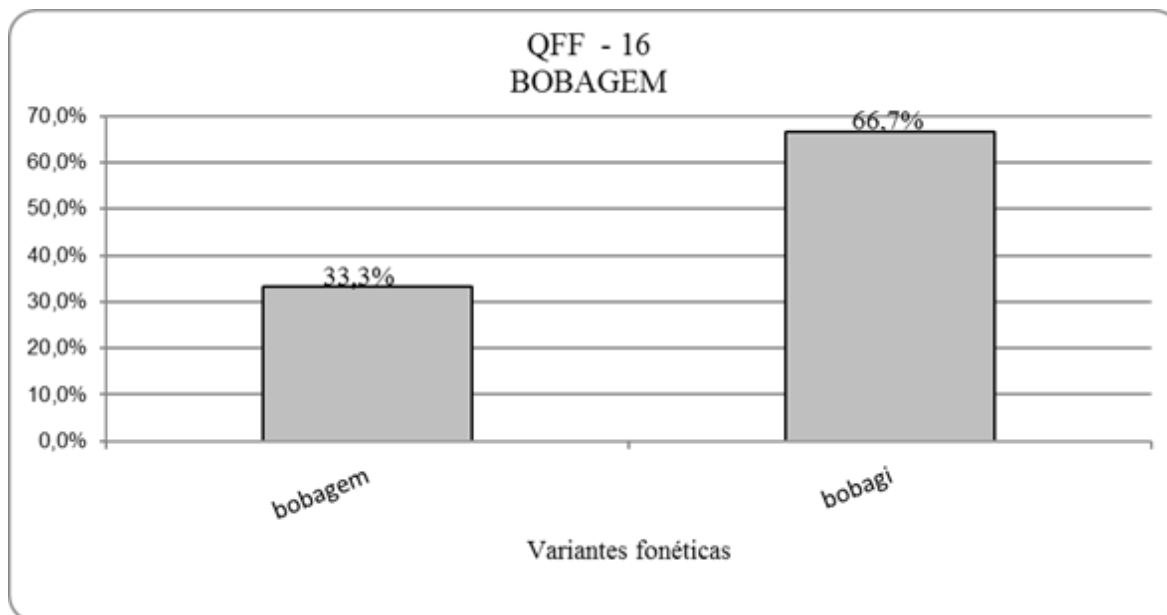
A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “bobagem”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF-16 “Quando alguém fala algo sem importância você considera uma?” Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 19.

Quadro 19 – Transcrições Fonéticas (QFF 16)

Informante	Vocábulos dos informantes	Transcrição fonética
1	NO	
2	NO	
3	NO	
4	bobagem	[bɔba'ʒɛ]
5	bobagi	[bo'baʒ]
6	NO	
7	NO	
8	NO	
9	NO	
10	NO	
11	NO	
12	bobagi	[bo'baʒ]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Dos 12 entrevistados, nove, que é correspondente a 75%, não deram respostas válidas, que foram classificadas como não obtida (NO) para o fenômeno analisado. Obtivemos respostas como: *besteira*, *burra* e *lerda*, o que pode se configurar em uma má formulação da questão, e por este motivo não foi obtido o vocábulo pretendido. Se tratando da apuração geral dos 100% das ocorrências válidas, constatamos 66,66% do fenômeno apócope, enquanto 33,33% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 8.

Gráfico 8 – Porcentagem das respostas para QFF 16.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 8, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 16, que houve incidência do fenômeno esse vocábulo, que ocorreu entre ambos os sexos e faixa etária, com a mesma escolaridade, ensino fundamental, considerando que dentre todos os informantes apenas três atingiram o elemento buscado. Tais dados identificam a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que o apócope apresenta o um percentual de 50 % de constatação do fenômeno, tanto para faixa I quanto a faixa II. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes de ambas as sexos e faixas etários do nível fundamental tendem a fazer uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, ambos os sexos correspondem 50% cada, o que é possível perceber uma equiparação entre homem e mulher no vocábulo ora explorado. Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu por unanimidade no ensino fundamental.

Os elementos linguísticos analisados, para a questão QFF 16, tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico. Foi percebido a ocorrência do fenômeno, passando a ser pronunciado "Bobagi [bo'baʒi]".

4.2.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 20-GARAGEM)

A referida questão objetiva fazer apuração de variantes fonéticas para “garagem”, a questão foi formulada da seguinte maneira: QFF-20 “Nome daquela área reservada para guardar veículos em residências? Todas as respostas foram transcritas grafematicamente e foneticamente e estão dispostas no quadro 20.

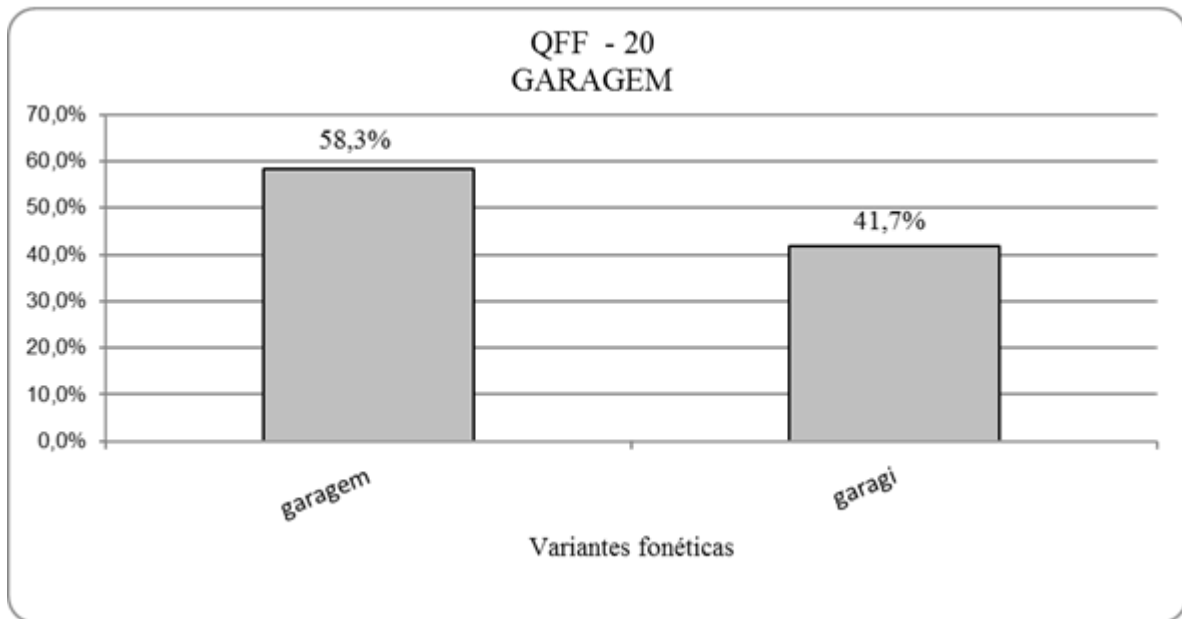
Quadro 20 – Transcrições Fonéticas (QFF 20)

Informante	Vocábulo dos informantes	Transcrição fonética
1	garagem	[ga'raʒẽj]
2	garagem	[ga'raʒẽj]
3	garagem	[ga'raʒẽj]
4	garagem	[ga'raʒẽj]
5	garagi	[gara'ʒi]
6	garagem	[ga'raʒẽj]
7	garagi	[gara'ʒi]
8	garagi	[gara'ʒi]
9	garagi	[gara'ʒi]
10	garagem	[ga'raʒẽj]
11	garagem	[ga'raʒẽj]
12	garagi	[gara'ʒi]

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Após a apuração geral, totalizou 100% das ocorrências válidas, constatamos 41,7 % do fenômeno apócope, enquanto 58,3% dos entrevistados não apocoparam, como pode ser observado no gráfico 9.

Gráfico 9 – Porcentagem das respostas para QFF 20.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

No gráfico 9, nota-se que as variantes fonéticas da questão QFF 20, que houve a prevalência pela forma *garagem*. Também se nota que o fenômeno ora estudado ocorreu com ambos os sexos, e faixa etária I, excluindo em relação à escolaridade, o ensino fundamental que não realizou o fenômeno. Percebe-se a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes desta cidade, Jacobina - BA.

Após análises, quanto aos aspectos sociais, nota-se que, no quesito escolaridade, embora se espere que a menor escolaridade esteja mais propícia a ocorrer o apócope, essa foi a única que não realizou o fenômeno da pronúncia fonética apocopada. Com base nesse resultado, compreende-se que os informantes dos níveis médio e superior tendem a fazer uso do apócope.

Com base no aspecto social sexo, os homens correspondem 80%. É possível perceber uma menor ocorrência por parte do sexo feminino no uso do vocábulo apocopado, que ficou com 20% “*Garagi* [gara’ʒi]”.

Analisando o aspecto social escolaridade, ocorreu uma relevância notória, posto que ensino médio incidiu em 60%, enquanto o ensino superior com 40% de apuração.

Os elementos linguísticos analisados para a questão QFF 20 tiveram o apagamento em seu fonema final e está relacionado ao contexto fonológico, tendo seu ponto de articulação “alveolar vozeado”. O falante, ao reproduzir sons alveolares, há uma

tendência da língua ficar próxima do céu da boca. Percebe-se na ocorrência de “Garagi [gara’ʒi]”.

4.2.5 comparações entre as questões QFF: 06, QFF:14, QFF:16, QFF: 20

Nessa subseção, trouxemos um quadro comparativo com quatro questões retiradas do questionário que têm sua terminação em “m”. E quais quesitos houve maior incidência do fenômeno apócope.

- a) Se tratando do vocábulo “passagem”, a análise constatou a maior incidência do fenômeno no sexo masculino, do ensino médio, das faixas etárias I e II.
- b) Se tratando do vocábulo “homem”, a maior predominância ocorreu entre as mulheres do ensino superior da faixa etária I.
- c) Se tratando do vocábulo “bobagem”, houve equiparação entre ambos os sexos e faixas etárias do ensino fundamental.
- d) Se tratando do vocábulo “garagem”, no sexo masculino do ensino médio, da faixa etária I verificou-se maior incidência.

Com base nas análises, constatou-se a predominância do fenômeno na faixa etária mais jovem, tendo em vista que, em todos os vocábulos, esta faixa apocopou, enquanto que a faixa etária II não ocorreu o fenômeno em todos os vocábulos, e nos que ocorreram, tiveram baixa incidência, o que pode estar relacionado a uma nova tendência linguística dos jovens. Embora os vocábulos tenham a mesma terminação em “m”, não significou que o número de ocorrência do fenômeno apócope fosse igual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a possibilidade de compreender a importância sobre o assunto variação linguística dentro de uma determinada comunidade, Jacobina. O objetivo foi analisar a ocorrência do fenômeno sociolinguístico apócope no falar de habitantes de Jacobina-Ba, construímos o referido estudo com base nas análises dos resultados extraídos na pesquisa, na qual foi observada a supressão do último fonema nos vocábulos, percebemos que a ocorrência está relacionada aos fatores linguísticos.

Inicialmente, abordamos sobre o processo de formação da língua portuguesa, seu surgimento e evolução no decorrer dos anos, nessa seção, já trouxemos as informações sobre os tipos de metaplasmos, e aprofundando especificamente no metaplasmo apócope. Para melhor compreender os estudos sobre apócope, buscamos trabalhos de outros pesquisadores realizados no Brasil, estes, agregaram mais informações acerca do fenômeno pesquisado, o que foi de grande valia na construção da nossa pesquisa.

Apresentamos também os referenciais teóricos que fazem parte das correntes linguísticas, tais como: Estruturalismo, Gerativismo e Sociolinguística, estas estão percorridas na seção 2 deste trabalho. A Sociolinguística foi a teoria que embasou a nossa pesquisa, uma vez que nossa pesquisa está pautada nos estudos entre a linguagem e a sociedade, para melhor compreender esses aspectos, trouxemos a Sociolinguística Variacionista, de William Labov.

Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos, mostrando como iniciou o interesse pelo objeto de estudo “apócope”, como foi organizada cada etapa, quanto ao questionário, aos informantes e a entrevista. Foram apresentadas informações sobre a construção e história da cidade de Jacobina-Ba também.

A seção quatro deste trabalho apresenta as análises conforme a ordem da entrevista, a qual utilizamos quadros com os vocábulos representando as formas. Fizemos a transcrição fonética de cada vocábulo e, para melhor apresentar os resultados, construímos gráficos mostrando o percentual de ocorrência de cada vocábulo, levando em consideração os fatores sociais: sexo, faixa etária, e escolaridade dos falantes.

De acordo com os resultados, percebemos que o fenômeno apócope encontra-se no falar de habitantes da cidade de Jacobina-Ba, e, diante das análises, constatou-se

que as características sociais que apresentaram a tendência de maior uso do fenômeno foram; sexo masculino, da faixa etária jovem, do Ensino fundamental. Assim, os resultados permitem inferir que os dados alcançados comprovam de forma parcial que os fatores sociais influenciam na ocorrência do fenômeno.

Esse trabalho foi de suma importância para nossa formação acadêmica, o que possibilitou maior compreensão quanto às variações linguísticas, as diversas formas de se falar a mesma coisa sem perder seu valor semântico. Esperamos que mais estudos possam investigar outros fenômenos, no que se refere aos estudos voltados à área da Sociolinguística, e que este trabalho possa dar sua contribuição às pesquisas futuras na perspectiva de valorizar a diversidade linguística existente na língua portuguesa, tanto nessa comunidade de Jacobina-Ba quanto em outras regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C.(orgs). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. 3.ed. SP:Cortez, 2003

_____. Sociolinguística. (parte I) In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. v. 1, São Paulo: Cortez, 2001.

ANDROUTSOPOULOS, J. Research on youth language. In: AMMON, U. et al. (Ed.). **Sociolinguistics/Soziolinguistik**: an international handbook of the science of language and society/ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache un Gesellschaft Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p.1496-1505.

ARAÚJO, Paulo Henrique. “**De mim não desespere nunca**”. Mariana-MG: Fevereiro-2004.

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica do latim ao português brasileiro**. Textos compilados, condensados e anexados. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

_____. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, sp.

BELINE, R. A variação Lingüística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à lingüística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut. 2008. 260 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Bisognin%2C+Tadeu+Rossato&type=author>

BORIN, Maria Augusta. **Sociolinguística**. (Mestrado em Letras e Linguística). Centro de Artes e Letras - Curso de Graduação de Letras/Português, Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2009. Disponível em https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16413/Curso_Le-Portug-Lit_Sociolinguistica.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. **Metaplasmos contemporâneos** – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-g/ANAIS/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>>. Acesso em: 10/Abr/2021.

CAMARA JR., João Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CAMARA JR., João Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica: para o 2º grau e vestibulares**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, Noam.; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1965.

COELHO, et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: Atlas Linguístico do Brasil: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 113-126.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976a.

CUNHA, Celso; **Estilística e Gramática Histórica**. Português através de Textos, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.

FERNANDES, Edna. **Metaplasmos por supressão do português brasileiro: casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco**. 2019a. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Artes e Comunicação Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. Disponível em: http://www.pgletas.com.br/_documentos/acervo/dissertacoes/2019/linguistica/EdnaRanilly-SL.pdf. Acesso em: 01 de set. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Introdução a Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2003.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994

HAUY, Amini Boainain. Origem e Formação da Língua Portuguesa. In: SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008, p. 22-33.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994a.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns Philadelphia**: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina Sua História e Sua Gente**. Jacobina, BA: Grafimort Indústria Gráfica e Editora LTDA, 1995.

LIMA, Jessé da Silva. **Abordagem sociolinguística da apócope de /r/, /s/ e /n/ em contexto brasileiro-goiano**. 2016a. 147 f. Trabalho Acadêmico (Graduação em Letras) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB), Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14803/1/2016_JessedasilvaLima_tcc.pdf

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LUCHESE, Dante e ARAÚJO, Silvana. **A Teoria da variação linguística**. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books.

MARIA, Elisa Pinheiro de Souza. **Língua Latina: Estudos Teóricos para Prática**. 22.ed.Belem: EDUEPA, 2020.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1962.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro, RJ: 7letras, 2003.

MONTEIRO, Cristina Góes. Marcas de oralidade. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia**. São Paulo, SP: Contexto, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOURA, Cleide Queiroz de Pauka; FERREIRA, Janaína Soares Silva Reis. Metaplasmos no falar urbano monte-belense: um estudo sobre apócope e vocalização. In: **ÍCONE – Revista de Letras**. São Luís de Montes Belos, v. 2, p.196-210, jul 2008.

PIETROFORTE, A. V. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2013. p. 75-93.

PINTO, E. P. **O português do Brasil** – textos críticos e teóricos – 1-1820-1920 – Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas gerais sul-americanas. PAPIA: **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. São Paulo, v. 4, n. 2, 1996.

RODRIGUES, José Honório. A vitória da Língua Portuguesa no Brasil Colonial. In: **Humanidades**: vol I, 1983.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araújo. **Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano**: Beco e Seabra. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010a. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8375/1/Maria%20do%20Carmo%20Sa%20Teles%20Araujo%20Rolo.pdf>

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Ctrix, 1989.

_____. Curso de Linguística Geral. Comércio Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre as origens do português brasileiro. **DELTA**, vol. 9, n. Especial, 1993, pg. 417 - 454

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. **História da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

TARALLO, F. **Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro**: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 35-68.

ANEXO

ANEXO 01 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), utilizado para a realização das entrevistas, com o consentimento dos informantes



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV/JACOBINA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/13 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (__) _____/(__) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** O apócope no falar de habitantes de Jacobina-Ba
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Cássia Barbosa Farias e Jucicleia Xavier dos Santos
3. **Cargo/Função:** Pesquisadoras/Estudantes de graduação.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa de Conclusão de Curso sob a supervisão e responsabilidade das pesquisadoras Cássia Barbosa Farias e Jucicleia Xavier dos Santos, orientação de Leandro Almeida dos Santos, docente da Universidade do Estado da Bahia.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, tais como: Os resultados deste estudo serão divulgados em meio acadêmico e científico, através de publicação do artigo científico em revista científica e/ou apresentação em evento, mantendo sempre seu sigilo e anonimato. **Caso aceite o Senhor(a) participar da construção dos dados da pesquisa, ocorrerá por meio dos seguintes instrumentos:** Gravação de entrevista (em áudio) com uso de um questionário. Essa pesquisa pode, devido ao levantamento de informações os(as) senhor(a) poderá enfrentar possíveis riscos (nível mínimo de risco). Como: Reafirmamos que, quanto aos riscos do levantamento de dados eles são mínimos, haja vista que manteremos sigilo dos depoimentos, o cuidado e zelo dos participantes, de modo que a dignidade física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do docente não deverá sofrer danos.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garante-se que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira o senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa.

O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Como garantia terás **acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas (fornecer endereço e telefone para contatos do(s) pesquisador(es) e do Comitê de Ética. Liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto acarretará prejuízo à continuidade da assistência, \Salvuarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.**

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: 1 Cássia Barbosa Farias e 2 Jucicleia Xavier dos Santos

Endereço: 1 Rua cônego Samambaia 253 bairro leader , 2 Rua caixeiro viajante **Telef**

(74)98199199538, 2 (74)981434483 **E-mail:** 1cassiabfarias@hotmail.com, 2

Orientador: Leandro Almeida dos Santos **E-mail:** leasantos@uneb.br

Endereço: Conj. Rodrigo H. da Costa.

Bairro: Brotas

Cidade: Salvador

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA

41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBS

Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente

Assinatura do pesquisador discente

Assinatura do professor responsável (orientador)